

# MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Setembro de 2017



*Eça de Queiroz,*  
o escritor amado  
e renovador  
da linguagem

*Silviano Santiago*  
e as proezas  
do Acaso

*Borges, o mago*  
portenho  
amante dos livros

**E MAIS:**  
Crônica e poesia

18

# SUMÁRIO



## LITERATURA

*Eça de Queiroz*  
**De agitador a escritor  
muito amado no Brasil**  
Gutemberg da Mota e Silva  
**4**



## CRÔNICA

**Diálogo do silêncio**  
José Fernandes Filho  
**14**



## HOMENAGEM ESPECIAL

*Silviano Santiago*  
**Escritor, professor e crítico  
à mercê das proezas do Acaso**  
Manoel Marcos Guimarães  
**16**



**Assassinato em Ouro Preto**  
Silviano Santiago  
**22**



## PRESERVAÇÃO

**Viola e violeiros podem ser ‘patrimônio  
imaterial’ da cultura mineira**  
**26**



## CAPA

### Viola , patrimônio mineiro´

A viola caipira de Minas Gerais pode ser reconhecida como ‘patrimônio imaterial’ da cultura do Estado, por iniciativa do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha), que está efetuando o cadastro dos violeiros, artesãos e luthiers existentes em todas as regiões, para documentar os modos de fazer e de tocar o instrumento. Chegada ao Brasil junto com os colonizadores portugueses, a viola se espalhou por todo o país, mas ganhou maior força em alguns estados, Minas entre eles, entranhando-se nos costumes e na cultura de sua gente.



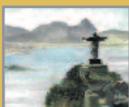
*MagisCultura* homenageia a viola em reportagem e na capa, com aquarela de Sandra Bianchi inspirada em foto de Rodrigo Delage, retratando o violeiro e construtor de violas Minervino, já falecido, da região de São Francisco.

## POESIA

**Três poemas**  
Llewellyn Medina  
**30**



**Meu Rio continua lindo**  
Raimundo Messias Júnior  
**31**



**Dois poemas**  
José Maria Vieira Starling  
**32**



**Dois poemas**  
João Quintino Silva  
**33**



**Dentro de mim**  
José Arthur de Carvalho Pereira Filho  
**34**



**Dois poemas**  
Elson de Paula e Silva  
**35**



## LITERATURA

**Borges, o mago portenho**  
Rogério Medeiros Garcia de Lima  
**36**



## EDITORIAL

### A resposta da arte

Em momentos de crise – econômica, política, ética – a arte costuma dar respostas sábias, usando as muitas linguagens que lhe são próprias. Nada mais oportuno, portanto, que esta edição de *MagisCultura* venha recheada de textos que remetem a autores que se destacaram e se destacam, em seus devidos tempos, pela linguagem irônica, incisiva e, às vezes, ferina, que usavam para a abordagem da sociedade em que viviam.

É este o caso de Eça de Queiroz, o escritor português que despertou paixões no Brasil; é o caso do argentino Jorge Luis Borges, o amante dos livros; é o caso de Machado de Assis, magistralmente retratado em recente romance pelo conterrâneo de Formiga, Silviano Santiago, nosso convidado, ele próprio um arguto escrutinador da vida nacional em seus textos.

Mas as crises não afastam – pelo menos não deveriam – a ternura, a beleza da arte. Assim, nossa homenagem vai para uma das mais caras tradições da gente mineira, a viola caipira, prestes a ser reconhecida como patrimônio imaterial da cultura de Minas.

Nossos colegas juizes e desembargadores continuam, assim, a dar vazão à sua capacidade de produzir arte, com novos poemas e crônicas, sempre nos lembrando que as crises passam, mas a vida continua.

Boa leitura.

  
**Maurício Soares**  
Presidente

## MagisCultura

Mineira

**Amagis - Diretoria Triênio 2016-2018**

**Presidente:** Desembargador Maurício Torres Soares  
**Vice-presidente Administrativa:** Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro  
**Vice-presidente Financeiro:** Desembargador Alberto Diniz Junior  
**Vice-presidente de Saúde:** Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto  
**Vice-presidente do Interior:** Juiz Antônio Carlos Parreira  
**Vice-presidente Sociocultural-Esportivo:** Juiz Ricardo Torres Oliveira  
**Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas:** Juiz José Martinho Nunes Coelho  
**Diretor-secretário:** Juiz Christyano Lucas Generoso  
**Subdiretora-secretária:** Juíza Rosimere das Graças do Couto

**Coordenador de Comunicação:** Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

**Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros**

ISSN 1984-5081

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano  
**Editor Responsável:** Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

**Proj. gráfico e editoração eletrônica:** Rachel G. Magalhães (rachel@belohorizonte.com)  
**Ilustrações:** Sandra Bianchi

**Impressão:** Rona Editora  
**Tiragem:** 2.300 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa



# *Eça de Queiroz*

## De agitador a escritor muito amado no Brasil

Gutemberg da Mota e Silva  
Desembargador do TJMG, aposentado

O fascínio pela literatura de Eça de Queiroz, autor da obra-prima *Os Maias* (1888), ensejou, no Brasil e em Portugal, o surgimento de grupos de entusiasmados admiradores, para cultuá-lo, e a seus livros, mas os textos que ele e Ramalho Ortigão escreveram em Lisboa, n'As *Farpas*, ridicularizando o imperador do Brasil, Dom Pedro II, quando de sua viagem à Europa em 1871/1872, "influíram no sentido de levantar a Província de Pernambuco contra os súditos de Portugal, em protesto diante daquelas páginas", afirma Paulo Cavalcanti em *Eça de Queiroz. Agitador no Brasil*.

"Ao nome de ambos, principalmente ao de Eça de Queiroz, ligam-se, no relato dessas ocorrências, discussões jornalísticas, conflitos de rua, espancamentos, tiros, incêndios, ocupação militar de cidades, prontidão de forças armadas, incidentes judiciais, cancelamento de passeatas cívicas, crise de governo, evasão de criminosos, exoneração de autoridades – de que foram teatro, na década de 70 do Século XIX, por causa das *Farpas*, o Recife e Goiana."

Os conflitos de rua ocorreram sobretudo no Recife e no reduto comercial dos portugueses em Pernambuco, Goiana, sendo estes espancados e seus estabelecimentos, depredados. Tal se deu depois que o Seis de Março, jornal republicano do Recife, para irritar os monarquistas, copiou sem permissão as principais farpas contra Pedro II, transformando sua excursão "num grotesco espetáculo de circo", via galhofa do que fizera ou dissera: seu nome, títulos nobiliárquicos, bagagem, preferências literárias, festas, homenagens, "o apetite para certas comidas, a indumentária, a calculada modéstia, a tudo e tudo As *Farpas* cobriram de chacota, com impiedade."

Em "*Eça de Queiroz: um escritor que seduziu o Brasil*", verbete do profundo *Dicionário de Eça de Queiroz*, organização e coordenação de A. Campos Filho [preciosa fonte deste texto], Monica Figueiredo observa que "as corrosivas páginas As *Farpas* acabaram por atingir de maneira perigosa a integridade física de muitos portugueses. No interior de Pernambuco, a comunidade lusa foi transformada em alvo de um xenofobismo que atacava emigrantes em nome dos 'brios nacionais'". Tais críticas, "consumidas com sofreguidão pelo público do Brasil", evidenciaram "a profunda rede de ressentimentos sobre a qual se tinham erguido as relações luso-brasileiras no Brasil do Segundo Império."

### Juventude panfletária

José Murilo de Carvalho, em *D. Pedro II*, conta que a viagem do imperador [governou o Brasil de 1840, aos 14 anos, até a

proclamação da República, em 1889] durou 10 meses (maio/1871 a março/1872), em comitiva de 15 pessoas, recursos próprios e caráter privado: farto de rapapés, o monarca queria ser apenas Pedro. Assim, por causa da febre amarela, cumpriu, em lazareto lisboeta, a quarentena exigida dos passageiros oriundos do Rio. Na Europa visitou países, museus e inúmeras personalidades. Ironizando tantos encontros, os farpistas disseram que eles, não sendo nada, foram as únicas pessoas que Dom Pedro não vira em Portugal.

Ao saber da cópia ilegal, Eça se queixou de "roubo" dos seus direitos autorais. Ainda na época, amenizou: o "brasileiro", a quem também contundentemente criticara, era o português retornado do Brasil. E, em 1890, reeditando *As Farpas*, como *Uma campanha alegre*, refletiu: "Quem era eu, que força ou razão recebera dos deuses, para assim me estabelecer na minha terra, em justiceiro destruidor de monstros? (...) A mocidade tem dessas esplêndidas confianças; só por amar a Verdade imagina que a possui."

O crítico pernambucano Álvaro Lins, embaixador do Brasil em Portugal de 1956 a 1959, afirma, em *A história literária de Eça de Queiroz*, que "Eça haveria de ter sentido que a juventude é a única idade dos panfletários" e que um artista de sua força nunca insistiria "num processo que acabaria fazendo dele um energúmeno ou um obsceno". Mas ele seria sempre o que foi nas *Farpas*, pois "o extraordinário 'pobre-homem da Póvoa de Varzim' é um só e indivisível."

### O 'pobre homem' de Póvoa de Varzim

José Maria d'Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1845 em Póvoa de Varzim, cidade litorânea do Norte de Portugal. Vila do Conde, a dois quilômetros dali, pleiteou a glória de ser o berço do romancista, no início odiado e depois muito amado no Brasil: em 1906, quando Póvoa anunciou monumento à sua memória, Vila do Conde sustentou que Eça nascera em seu território, tanto que nele fora batizado, e a diocese só batizava os nascidos na paróquia.

Vianna Moog, em *Eça de Queirós e o século XIX*, conta que a certidão do batismo, em 1º de dezembro de 1845, na Matriz Colegiada de Vila do Conde, não apontava o lugar de nascimento, somente a data e a [incompleta] filiação, assentando que era "filho natural de José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, e de mãe incógnita."

Póvoa de Varzim colheu testemunhos de que ele nascera numa casa da Praça da Almada. O pai de Eça, falecido em 30 de

# “A criança formou sua personalidade no colo de uma velha avó.”

janeiro de 1901, informara numa carta que ele nascera numa casa onde em 1845 morava seu parente Francisco Augusto Pereira Soromenho. Ignorava a rua. Sua mãe, Carolina Augusta Pereira d’Eça, em carta à Câmara Municipal de Póvoa, disse que seu filho ali nascera. O próprio Eça escreveu: “...eu sou apenas um pobre homem de Póvoa de Varzim.”

## Pai e ama de leite brasileiros

Ainda em aberto a questão, pois, noutra momento, Eça se dissera “filho de Aveiro”, em cujo povoado de Verdemilho, a uns 80 quilômetros de Póvoa, morou desde cedo com os avós paternos, a polémica evidenciou a bastardia. A. Campos Matos, em *Eça de Queiroz. Uma Biografia*, diz que o episódio começou em Viana do Castelo [a uns 60 quilômetros de Póvoa], onde José Maria, 25 anos, conheceu Carolina, 19, e a engravidou. Para que “olhares indiscretos não comprometessem os Pereira d’Eça”, foi “prático e lógico ir ter o filho em Póvoa do Varzim,” pois ali morava [com o marido, o citado Francisco Augusto] sua irmã Emília Amália Pereira d’Eça. Após o parto, Carolina voltou a Viana, deixando o filho na Vila com a ama de leite e madrinha, a pernambucana Ana Joaquina Leal de Barros.

Paulo Cavalcanti diz: “É possível que a amizade entre a pobre costureira de Vila do Conde e a família Teixeira de Queiroz venha da época em que o avô de Eça, Joaquim José de Queiroz e Almeida, esteve exilado no Brasil, onde nasceu seu filho José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, pai de Eça.” [Nascido no Rio em 1820, formado em Direito na Universidade de Coimbra, poeta romântico, o pai de Eça foi juiz em Portugal, e o avô, desembargador no Rio].

Campos Matos cita depoimento de sobrinha de Eça, Maria d’Eça, dizendo que o nascimento envergonhou a família, mas a culpa foi de Carolina, pois o tio “tinha boa situação e quis sempre casar. Mas ela tinha um gênio violentíssimo, e ficou furiosa de ter caído nessa falta e tomou uma raiva ao namorado”. Casaram-se em Viana em 3 de setembro de 1849, tendo mais seis filhos, dois falecidos prematuramente.

## ‘Hugólatra’ confesso

Embora seus pais e irmãos morassem no Porto, capital do Norte, Eça foi morar com os avós em Verdemilho. Maria Filomena

Mónica, em *Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queirós*, diz: “A criança formou sua personalidade no colo de uma velha avó”, que lhe lia versos, “e de um casal de criados negros [trazidos do Brasil] que lhe contavam histórias fantásticas. Mas o neto do Sr. desembargador Queirós não podia brincar com os rapazes de pés descalços que rodeavam a casa brasonada que habitava. Foi entre muros, sem ninguém da sua idade, que cresceu.”

O avô morreu em 16 de abril de 1850; a ama, em 1851; e a avó, Teodora Joaquina de Queiroz, em 28 de março de 1855, deixando-lhe legado para a educação. Só então, com 10 anos, Eça foi para o Porto, mas ficou na casa de tios, na Rua de Cedofeita. Fez o secundário no Colégio Senhora da Lapa (1856 a 1861), cujo diretor era pai do seu professor de francês, Ramalho Ortigão, com quem escreveria *O mistério da estrada de Sintra* (1870) e *As Farpas* (1871-1872).

Formado na cultura francesa, “hugólatra” confesso, quase aprendeu a ler nas obras de Victor Hugo “e de tal modo cada uma me penetrou, que, como outros podem recordar épocas de vida ou estados de espírito ou por um aroma [talvez lembrado do biscoito madeleine, cujo sabor remetera Proust à sua infância], ou por uma melodia, eu revejo de repente, ao reler antigos versos de Hugo, todo um passado, paisagens, casas que habitei, ocupações e sentimentos mortos...”

## Coimbra, a Universidade ‘amarga e carrancuda’

Quem viaja entre Lisboa e Porto [ligadas por trem de alta velocidade], no meio do caminho pode ser tentado a visitar, às margens do Mondego, a multissecular Universidade de Coimbra [mais de 700 anos], em cuja Faculdade de Direito Eça se matriculou em 14 de outubro de 1861, com 16 anos, formando-se em 1866. Poderá também se extasiar com sua solene biblioteca, de altíssimo pé direito e estantes até quase o teto. E, ainda, sob o peso da tradição, imaginar as presepadas e rebeldias das gerações de estudantes irreverentes e iconoclastas que por ali passaram, imortalizados – com seus chapéus, batinas e meias pretos e horrendos sapatos clericais – no misterioso personagem de preto que se vê de costas no rótulo da garrafa de afamado vinho do Porto, de Vila Nova de Gaia, às margens do Douro.

Os pais desejavam que o primogênito seguisse a carreira dos antepassados, a magistratura. Os professores o decepcionaram. Esperava sumidades na “fantástica e encantada Coimbra”. Dos alunos só se exigiam as lições de uns papéis litografados por muitos manuseados, as sebatas apostilas.

Mas havia um grupo de rapazes que o encantavam: “Encharcados de literatura, diz Moog, viviam em permanente conflito com tudo quanto na Universidade representasse a Ordem, a Tradição, o Passado”. “Discutiam positivismo e metafísicas, deísmo e materialismo (...) o valor das mulheres e a qualidade dos vinhos, coisas em que Eça mal se tinha iniciado. Cheios de desprezo pelo saber fradesco dos mestres, só tinham respeito pelo sarcasmo e pela ironia.” Inspirava-os Antero de Quental, poeta e líder revolucionário da mocidade, do qual se aproximou, tímido e deslumbrado, e se tornou grande amigo.

Eça evocou movimentos dos estudantes, como a derrubada imotivada de reitor e o [frustrado] abandono de Coimbra para fundarem, perto do Porto, “uma civilização mais ou menos em harmonia com o nosso horror aos compêndios”, mas, na verdade, diz Moog, deles não participou ativamente. E Álvaro Lins: “Em Coimbra, ele mesmo confessa, não tomou parte nas

agitações ideológicas e pessoais dos seus companheiros". Enquanto muitos pediam em discursos a liberdade da Polônia, Eça atuava como ator no Teatro Acadêmico. No entanto, as agitações universitárias lhe deixaram profunda impressão, refletida em toda a sua obra.

Eça também não participou da *Questão Coimbrã*, em 1865 (o embate Realismo x Romantismo), mas depois integrou em Lisboa o grupo *Cenáculo* (1867 a 1871), também liderado por Antero, formado por jovens intelectuais da Geração 70. O *Cenáculo* promoveu as *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, defendendo a transformação social baseada na noção de justiça. Eça fez uma delas. Em junho de 1871, o Governo as proibiu, alegando ameaça às instituições.

Mais tarde, em seu texto para o *In memoriam* de Antero [que se suicidara em 1891], Eça retrata essa geração, diz Campos Matos, observando que "o espírito inconformista que virá a percorrer todas as suas páginas parece radicar nesses anos seminais de Coimbra, de que guardará visível saudade, embora tenha chamado à Universidade 'madrasta amarga e carrancuda'. Fará então passar por Coimbra grande parte das suas personagens de primeiro plano, que aí vão viver a experiência estudantil que ele próprio viveu."

### Saudade expressa no fado de Coimbra

Na Rua do Borrvalho, num dos arruamentos em torno da Universidade, ficava a tasca das *Tias Camelas* [três, todas Maria, e virgens], a mais célebre das tavernas coimbrãs, muito frequentada por gerações de estudantes, fãs de bacalhau de cebolada e de sardinha assada. Desapareceram a partir de 1943, em decorrência das demolições iniciadas no governo do ditador Salazar (ex-aluno), para a construção dos novos edifícios universitários, sendo destruídos 20 quarteirões de grande valor arquitetônico e sociocultural.

Campos Matos afirma no *Dicionário* que "nessa área histórica proeminente (...), com ruas estreitas, calçadas íngremes, largos e praças bem articulados", coexistiam a reitoria, faculdades, teatro, prisão e associação acadêmica, "com residências estudantis e seus complementos, cafés, tascas", ensejando "uma viva animação urbana e uma íntima comunhão entre os estudantes" e a "população que os servia... Criava-se aí uma atmosfera estudantil única em Portugal, com os seus usos e costumes (...), as guitarradas e serenatas, e também com as agruras próprias da idade estudantil", revoltas, repressões, deixando em todos "marcas indelévels" e conhecida saudade, "que encontrou expressão típica no fado de Coimbra."

### Advogado sem vocação

Diplomado em 23 de junho de 1866, em julho, com 20 anos, foi morar – ao que se sabe, pela primeira vez – com os pais e irmãos, no nº 26, 4º andar, da Praça D. Pedro (Rossio), centro de Lisboa. Na *Gazeta de Portugal* publicou de 1866 a 1867 seu primeiro folhetim, *Notas marginais*, sendo muito criticado e até alvo de troças.

Mudou-se para Évora, a capital do Alentejo, no final de 1866, para advogar e dirigir e redigir, sozinho [inventava correspondentes, assinava com iniciais], o *Distrito de Évora*, bissemanário de oposição. Com escritório na redação, defendeu

"um tal André Vilallobos", sendo elogiado pelo jornal: "Era Eça falando de Eça", diz Viana Filho. Voltou a Lisboa em agosto de 1867, montou a banca na casa dos pais. Em defesa de marujo assassino da amante, alegaria que matara por extremo ciúme, violenta emoção, excludente do crime, tese que pressupunha a confissão. O réu assentiu, mas, no Tribunal da Boa Hora, negou o crime, prejudicando-a. Deixou a causa. Sem vocação, farto da advocacia, voltou a escrever folhetins.

### Pé esquerdo agourento, botas emparelhadas

O amigo Jaime Batalha Reis, que o conheceu nessa época na *Gazeta*, traçou-lhe o perfil no prefácio das *Prosas bárbaras* (antes, *Prosas marginais*), transcrito pela filha Beatriz Cinatti Batalha Reis em *Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis*. Muito magro, esguio, encurvado, pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda, sobrecasaca preta "abotoada até ao mento" [queixo], gravata alta e preta. Do cabelo se destacava "madeixa triangular, ondulante". Tinha "mãos longas, de dedos finíssimos (...) magros e longuíssimos braços", que faziam "gestos desusados" com "uma badine muito delgada" [bengala usada como adereço de elegância].

Passeavam no campo ou às margens do Tejo e, quando dormia no quarto de Jaime, entrava sempre "com o pé direito". Suspendia "o agourento pé esquerdo" se este inoportunamente se adiantasse. Cumpria "ritos determinados no modo de dispor a roupa que despia, antes de se deitar, colocando os punhos sobre uma mesa" na mesma ordem em que os usara. Para o criado limpá-las sem acordá-los, deixava as botas na porta do quarto "ordenadamente emparelhadas."

Anos depois, cônsul em Paris, apaixonado por alfarrábios, comprava-os nos quiosques dos bouquinistes [vendedores de livros velhos] da margem do Sena. A filha, Maria d'Eça de Queiroz, primogênita, conta, em *Eça de Queiroz entre os seus*, que o pai limpava cuidadosamente cada obra e mantinha suas coisas em "ordem meticulosa. No escritório, o criado, Charles, "só tocava com o máximo respeito em livros e papéis, no terror de lhes trocar

“O espírito  
inconformista que virá  
a percorrer todas as  
suas páginas parece  
radicar nesses anos  
seminais de Coimbra.”

de lugar." No quarto, "as gravatas tinham uma ordem perfeita e nunca desmanchada (...). No armário, fato [terno] e calçado arrumavam-se impecavelmente. O grande janota, que escandalizara Lisboa na sua juventude, dera lugar ao homem irrepreensivelmente vestido com sóbria elegância."

Em Lisboa, levava vida boêmia. Com Luís de Castro Pamplona, o Conde de Resende, seu futuro cunhado, viajou ao Oriente em outubro de 1869. Assistiu à inauguração do Canal de Suez. Durante dois meses viajou pelo Egito e Terra Santa, tomou e descreveu detalhadamente um banho turco e aproveitou suas anotações em *O mandarim* (1880) e *A relíquia* (1887).

A primeira parceria com Ortigão ocorreu no romance *O mistério da estrada de Sintra* (1870). Em maio de 1871 pôs à venda, como livro, *As farpas* [a crítica a Dom Pedro II sairia no número de fevereiro de 1872]. A arma principal destas era o riso, "a mais terrível forma da crítica." A gargalhada reiterada abala uma instituição, sustentava. Na capa d'*As farpas* via-se o Diabo espreitando por uma luneta [Eça trouxera um monóculo do Oriente e o deixava cair, diz Moog, "para gozar o prazer de reentalá-lo, abrindo a boca em esgares de sarcasmo."]

### Metade da vida como cônsul

Tomou posse em 30 de julho de 1870 como Administrador do Concelho de Leiria e foi afastado em 6 de junho de 1871. Em outubro de 1871, passou em primeiro lugar no concurso para cônsul de primeira classe. Nomeado em 16 de março de 1872 para as Antilhas Espanholas, passou metade da vida de 54 anos na carreira consular, iniciada somente em 21 de dezembro de 1872, como cônsul em Havana, Cuba [então colônia espanhola], até 1874; em Newcastle, Inglaterra, de 1874 a 1879; em Bristol,

Inglaterra, de 1879 a 1888; e em Paris, França, de 1888 até falecer, em 16 de agosto de 1900, em sua casa no bairro Neuilly-sur-Seine.

Raimundo Lazo afirma em *Eça de Queiroz y Cuba* (Livro do Centenário de Eça de Queiroz, org. de Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys), que, em carta a Ortigão, Eça reclamou do clima quente da ilha, do seu isolamento fora da atmosfera europeia, e a depreciou – terra estúpida, feia, odiosa, gente grosseira –, mas se desculpou: sua cólera nascia "de um tédio sem limites."

Lazo repudiou a "impressão desconcertante" que Eça tinha do americano e esclareceu que ele passara os meses quentes nos Estados Unidos, mas elogiou seu trabalho em favor dos coolies, chineses que embarcavam em Macau, colônia portuguesa, para trabalhar em regime semiescravo na colheita da cana de açúcar de Cuba. Ressaltou que Eça relatou o drama ao governo, com sugestões para minorá-lo, e combateu com coragem a "implacável política mercantilista" espanhola.

### Namoradas americanas em Cuba

Dos 17 meses em Cuba, Eça passou, realmente, cinco meses e meio em Nova York, em licença de saúde. Viveu "turbulentos episódios sentimentais" nos EUA, onde moravam duas namoradas tidas em Havana, sobre as quais praticamente silenciou, diz Campos Matos, que quase um século depois descobriu e publicou suas cartas de amor. Maria Filomena nota: "A menos que se considere o amor uma patologia, o motivo invocado não era exato. O que levava Eça aos EUA era o envolvimento (...) com duas americanas" que em 1873 passeavam em Cuba com as famílias. Mollie Bidwel, mais nova, era filha de riquíssimo industrial de Pittsburg. A outra, Anna Conover, casada, morava com o marido em Nova York. O affaire era clandestino, no caso de Anne, "no outro, os pais da menina aplaudiam a relação."

Já estava em Newcastle quando começou a publicar *O crime do Padre Amaro* em folhetim, e pôs à venda *O Primo Basílio*, em 28 de fevereiro de 1878. Foi fotografado em Angers ao lado de bela mulher anônima, tida como o motivo de suas viagens àquela cidade inglesa num período de sete anos. Ali escreveu *O mandarim*, no qual um personagem exprime seus sentimentos no exílio: "Então invadiu-me a alma uma melancolia (...) era como uma saudade de mim mesmo, um longo pesar de me sentir ali isolado, absorvido naquele mundo duro e bárbaro; lembrei-me, com os olhos umedecidos, da minha aldeia do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro à porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos..."

“O grande janota,  
que escandalizara  
Lisboa na sua  
juventude, dera  
lugar ao homem  
irrepreensivelmente  
vestido com sóbria  
elegância.”

## Filha nega casamento sem amor

“Eu precisava de uma mulher serena, inteligente, com uma certa fortuna (não muita), de carácter firme disfarçado sob um carácter meigo... que me adoptasse como se adopta uma criança...”, diz Eça a Ortigão em carta de 8 de abril de 1878. Com base nesta e nas em que participou o noivado com Emília de Castro Pamplona, filha dos Condes de Resende, afirmou-se que se casou por conveniência, só porque a família da noiva era aristocrática e tinha propriedades.

Indignada sobretudo com o biógrafo João Gaspar Simões, para quem foi um “casamento de razão”, Maria, com o único irmão vivo, Antônio, publicou em 1948 o citado *Eça de Queiroz entre os seus*, para demonstrar, com as cartas entre eles, que Eça a amou do noivado ao fim da vida.

## ‘Vencidos da vida’

Foram perenes as dificuldades financeiras de Eça, que recriminava em cartas os gastos de Emília, considerava-a perdulária, e, ela, os poucos recursos para criar os filhos e manter criados. Apesar dos apertos, sempre teve criados e morava em casas de aluguéis elevados.

Visando melhorar sua renda, projetou em 1878 o romance *A Batalha do Caia*, narrando humilhante invasão militar de Portugal pela Espanha, único meio, achava, de o país decadente e atrasado reagir e reescrever a sua história. Credo poder lucrar publicando-o ou não, pediu em carta a Ortigão que, via ministro amigo, pleiteasse ao governo indenização, de um conto e quinhentos a dois contos de réis, para engavetá-lo. Ortigão criticou-o fortemente. O romance gorou. Dele redundou apenas o conto *A catástrofe*.

Quando em Lisboa, Eça ia às reuniões dos Vencidos da vida, grupo de 11 intelectuais que entre 1887 e 1893 frequentavam o Café Tavares e o Hotel Bragança, para jantar e conversar. Eram vencidos porque, apesar do êxito social, julgavam-se fracassados em seus ideais. Rebatendo com bom humor as críticas, explicou que, para ser um vencido, o sujeito não dependia da aparência, “mas do ideal íntimo a que aspirava.” Embora ande “cabisbaixo e de botas cambadas,” será um vencedor se, almejando ser cabeleireiro, tiver “uma gaforina e a tesoura para a tosquear.” (*Dicionário*).

## Em Paris, amigos brasileiros

Eça teve três endereços nos 12 anos como cônsul em Paris, o último deles o da *Avenue du Roule*, 38, Neuilly, de 1893 a 1900. Neles recebia, nos saraus, amigos portugueses e brasileiros [não tinha relações pessoais com franceses]. Vinham à noite, convivendo com ele, a mulher e filhos. Também se reuniam no escritório da *Gazeta de Notícias*, do Rio, na qual escreveu de 1880 a 1897, tornando-se bastante conhecido no Brasil [Além das crônicas e contos, publicou na *Gazeta A relíquia* e um capítulo de *Os Maias*].

Octávio Tarquínio de Sousa, em *Amigos Brasileiros de Eça de Queiroz* (Livro do Centenário), afirma: “O maior dentre seus amigos brasileiros foi certamente Eduardo Prado, por cuja forte e original personalidade sentia invencível atracção”. Paulista, rico, barão do café, culto, viajado, prestativo, quando Eça faleceu,

“Eram vencidos porque, apesar do êxito social, julgavam-se fracassados em seus ideais.”

Prado abrigou a família dele em seu luxuoso apartamento em Paris. Frequentaram a casa de Eça, entre outros brasileiros, Prado, o Barão do Rio Branco, Olavo Bilac, Domício da Gama e Joaquim Nabuco.

## Estátua desnuda e mutilada

De saúde precária, desde os 39 anos sofria de perturbações gastrointestinais. Achava que era malária. Cogitou-se de tuberculose visceral como causa da morte. E de amebíase. Dois especialistas entenderam ser mais provável um tumor maligno do corpo ou da cauda do pâncreas. Nos meses finais, buscara cura em cidades da Riviera francesa e Alpes suíços. Cinco dias antes do fim, sem melhorar, retornou.

Maria estava de férias na casa de amigas em Paris Plages. Avisada do estado terminal, quis partir logo, mas a retiveram para arrumar a mala, tempo que lhe pareceu uma eternidade. Saiu espavorida, com os dois irmãos mais novos e a preceptora. Perdeu o primeiro horário do comboio. Ao chegar, na tarde de 16 de agosto de 1900, encontrou-o “estendido na cama, muito calmo, muito quieto, muito branco... Estava morto! [desde as 16h35min] ... E, ao escrever estas linhas dolorosas, quarenta e seis anos mais tarde, ainda sinto a mesma falta, ainda choro as mesmas lágrimas!”

As exéquias iniciais se deram em 18 de agosto na Igreja de St. Pierre, de Neuilly. Levado no navio de guerra África, foi sepultado em 17 de setembro, no Cemitério do Alto de São João, Lisboa, após desembarque no Terreiro do Paço, longo cortejo fúnebre e discursos.

“Eça se debruça sobre uma mulher semidespida, a Verdade. Protestou-se contra a sua nudez e se argumentou que, exceto Camões, nenhum outro grande escritor luso tinha estátua.”

O escultor Teixeira Lopes se inspirou na epígrafe de *A relíquia* – “*Sobre a nudez forte da Verdade o manto diáfano da Fantasia*” – para esculpir em mármore branco a estátua, homenagem dos amigos, inaugurada em 1903 num largo de Lisboa: Eça se debruça sobre uma mulher semidespida, a Verdade. Protestou-se contra a sua nudez e se argumentou que, exceto Camões, nenhum outro grande escritor luso tinha estátua. Vandalizada anos depois, foi copiada em bronze e a original levada para jardim do Museu da Cidade.

Os restos mortais de Eça e os dos filhos foram trasladados em 15 de setembro de 1989 para o Cemitério da Igreja de Santa Cruz do Douro, no Norte do país, divisada de longe, com uma nesga do rio, do alto da Quinta de Vila Nova.

### Fundação preserva a memória

Em *A cidade e as serras*, Eça dá o nome de Tormes à Quinta de Vila Nova de Santa Cruz do Douro, concelho de Baião, a uns 80 quilômetros do Porto, na qual, trocando a cidade pelo campo [sonho irrealizado do romancista], passa a viver o personagem Jacinto, que, grande proprietário em Portugal, morava luxuosamente em Paris. Herdada por Emília em 1892, Eça a visitara em anos finais da vida (1892, 1898 e 1899). Hoje, a Casa de Tormes sedia a Fundação Eça de Queiroz, que preserva o acervo do escritor.

No romance, Jacinto e o amigo Zé Fernandes chegam à Casa de Tormes pelo caminho de ferro da Linha do Douro. Quem no Porto vai de comboio, embarca na Estação São Bento e desce na de Tormes, Estação de (Caldas de) Aregos, distante três quilômetros da Casa. O aventureiro pode chegar à quinta pelo Caminho de Jacinto, assim descrito por Eça a Emília: “*É extremamente belo. O caminho íngreme e alpestre da estação até a quinta é simplesmente maravilhoso. Carvalhos lindíssimos, carvalheiras e soutos de castanheiros seculares, quedas de água, pomares, flores, tudo há naquele bendito monte. A quinta está situada num alto, num sítio soberbo, - que abrange léguas de horizonte, e sempre interessante.*”

Desfalcam o acervo da Casa os livros roubados em Lisboa em 1915 e os objetos perdidos no naufrágio do navio que os trazia da exposição de 1901 em Paris. Veem-se a mobília de quarto e a da sala de jantar, o baú de lata de papéis [no qual foram encontrados, entre outros, os originais do romance *A Capital*], a célebre cabaia chinesa [rica veste de mandarim com a qual Eça se deixou fotografar no jardim de Neuilly], a secretária alta onde escrevia de pé, a mesa do escritório, fotos, quadros, objetos pessoais (monóculo, relógio, lunetas) e a biblioteca, com 385 obras.

Maria herdou a quinta da mãe, falecida 34 anos depois de Eça. Ao morrer na quinta, em 1970, aos 82 anos, seu único filho, Manuel Pedro Benedito de Castro, e a mulher, Maria da Graça Salema de Castro, idealizaram a fundação, para conservar o acervo, promover atividades culturais e tornar a quinta autossustentável, pois as obras cairiam no domínio público. Optaram por investimentos agrícolas, essencialmente vinicultura [hoje, engarrafa o vinho Tormes, branco, de mesa]. Se o casal não doasse os bens, diz Campos Matos, “*muito provavelmente, não teríamos hoje nem casa, nem quinta, nem museu, nem arquivo, nem espólio.*”

## Os amores do padre e a moça

*O Crime do Padre Amaro*, primeiro dos principais romances de Eça, se passa em Leiria, à margem do Lis. No tempo de administrador do Concelho, Eça ficou numa pensão da rua da Tipografia, 13, “estreita como uma fenda e triste como o destino de um monge: de um lado, tinha as velhas paredes da Misericórdia, onde as corujas piavam. De outro, as torres da Sé, onde os sinos faziam a cada momento rolar pelos ares os seus prantos sonoros.”

No romance, o pároco engravida a paroquiana Amélia, filha da beata Sanjoaneira, concubina do cônego. É trágico o destino da mãe e da criança. Machado de Assis, na revista *Cruzeiro*, Rio, acusou-o de plagiar *La faute de L'Abbé Mouret*, de Zola. Eça rebateu: “só uma obtusidade córnea ou uma má fé cínica” [dito apropriado por Nelson Rodrigues] poderia assemelhar a “bela alegoria lírica” ao Crime, mera “intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada à sombra de uma velha Sé de província portuguesa.”

Por comentar obra de “herege” e “imoral”, jesuítas do Recife demitiram do seu colégio o professor Álvaro Lins [o crítico], contam Cícero e Laura Sandroni (*Austregésilo de Athayde: o século de um liberal*). Já o escritor luso Miguel Torga anotou no diário: “À noite, três da manhã, um passeio pelos becos da cidade. A Sé, a botica do Carlos, a Rua da Misericórdia, a casa da

“Estreita como uma fenda e triste como o destino de um monge: de um lado, tinha as velhas paredes da Misericórdia, onde as corujas piavam.”



Sanjoaneira. Grande Eça! Arrancar desta terra um tal romance, parece obra de um Deus.”

### Os amores dos primos. E dos irmãos

O segundo romance, *O primo Basílio* (1878), narra o adúltero de burguesinha de Lisboa, Luísa, com o primo Basílio, que enricara no Brasil e morava em Paris. Machado elogiou o autor, mas também fez objeções ao romance, bastante lido no Brasil. Acusou-o de plagiar *Madame Bovary*, de Flaubert. Eça rebateu. A crítica em geral deu razão a Eça. No final, viu cada autor influenciando o outro.

O terceiro, *Os Maias*, tem como pano de fundo a vida portuguesa em fins do século XIX e trata, dentre outros temas, como a decadência e o atraso do Portugal de então, do incesto, no início ignorado, dos irmãos Carlos da Maia e Maria Eduarda, separados desde crianças por mais de 20 anos. Em *Eça Político*, João Medina diz que, “para completar o quadro de declínio nacional,” Eça conduz o personagem João da Ega até o Ramalhete, o casarão abandonado inspirado no em que moraram o avô dele e o do personagem Carlos da Maia.

“A visita ao casarão arruinado é uma longa cena impregnada daquela melancolia que despreendem todas as mansões que deixaram de ser habitadas e que da brilhante vida dos seus antigos proprietários conservaram apenas brasões que se vão cobrindo de hera, telas que escurecem no meio de salas desertas, móveis cobertos de panos, fontes secas nos jardins onde a erva cresce e estátuas que o passar das horas vai tornando esverdeadas.”

No mesmo ano (1890), mas depois do falecimento de Eça, saíram *A correspondência de Fradique Mendes* e *A ilustre Casa de Ramires*. *A cidade e as serras*, em 1901. Segue-se a publicação dos textos dispersos em jornais, até 1912: *Contos*, *Prosas Bárbaras*, *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, *Notas Contemporâneas* e *Últimas Páginas*. Seu filho José Maria publicou em 1925 *A capital*, *O Conde de Abranhos*, *Alves & Cia.* e *Correspondência*. *A tragédia da Rua das Flores* só saiu em 1980. O tema também é o incesto, agora entre mãe e filho.

## “Eçolatria, ou uma doença chamada ‘Ecite.’”

Para “expressar o ato muito comum no Brasil de imitar o estilo de Eça”, Monteiro Lobato criou, em *A Barca de Gleyre* [1944], o termo “ecite”, diz Campos Matos em *Eçolatria, ou uma doença chamada ‘ecite’, no Brasil e em Portugal*, capítulo da biografia. O termo ganhou sentido mais amplo - o de “um sentimento tão complexo e absorvente de fascínio e simpatia pela escrita eciana que abrange não só a obra como o seu próprio autor e tudo aquilo que, de longe e de perto, lhe diz respeito.”

Cita o eciano Djacir Menezes: “Reinava a ecite, discutíamos detalhes, particularidades, cacoetes: a esquina sagrada da Casa Havaneza, o Chiado, o Café Martinho, a estada em Cuba, o famoso banho do cônsul, os Vencidos da Vida, a cabaia de seda do Mandarin vestida pelo Eça (...), a crítica obtusa de Machado de Assis sobre O Crime do Padre Amaro, as aberturas de dinheiro, o casamento aristocrático”, dando a todos “a ilusão de que privara conosco.”

Para Campos Matos, o culto a Eça “foi mais expressivo e mais profundamente vivido no Brasil do que em Portugal e resulta, eminentemente, da originalidade do seu estilo, da sua magistral simplicidade, capazes de criar uma empatia *sui generis*.” Citamos, entre os grupos criados no Brasil, a Sociedade Eça de Queiroz (Recife), a Padaria Espiritual Eça de Queiroz (Maranhão), o Clube dos Amigos de Eça de Queiroz e o Clube do Eça (Rio), este em 1955.

Reunidos em torno da mesa, alguns ecianos declamavam de cor textos do autor. O romancista Herberto Sales conta que o dicionarista Aurélio decorou aos 14 anos “trechos e trechos” de Eça (*Subsidiário 1*). Herberto mesmo, na estação de Ovar, sentou-se num dos bancos onde no romance *A capital* “se sentam melancolicamente suas personagens, e ali me senti um pouco Artur Corvelo, na espera solitária e triste do padrinho que não veio no comboio.” Já Álvaro Lins foi ao Cemitério dos Prazeres, Lisboa, no Dia de Finados de 1957, para imaginária procura do túmulo da infeliz Luísa, que só existiu mesmo nas páginas de *O Primo Basílio*.

### Renovador da linguagem e fecundo criador

Renovador e simplificador da linguagem, amante da “precisão, limpidez e ritmo” da prosa, “um dom dos deuses, como a beleza”, Eça de Queiroz, da escola realista, autor de uns 20 livros (13 romances, um de contos e os demais de textos dispersos na imprensa, chegando a 6 mil páginas), foi o mais importante escritor português do século XIX, que teve Camilo Castelo Branco como o mais fecundo escritor luso. Brilhante conversador, supersticioso, tímido, aristocrata, perfeccionista, diplomata, dândi, humorista, jornalista, irônico, crítico das instituições (o governo, o clero), defensor dos desvalidos, cético (mas convicto da utilidade social de sua arte), criou quase 300 personagens, como o Conselheiro Acácio, o mais citado, e projetou sua personalidade em vários deles, como João da Ega, Artur, Gonçalo, Jacinto e Fradique Mendes.

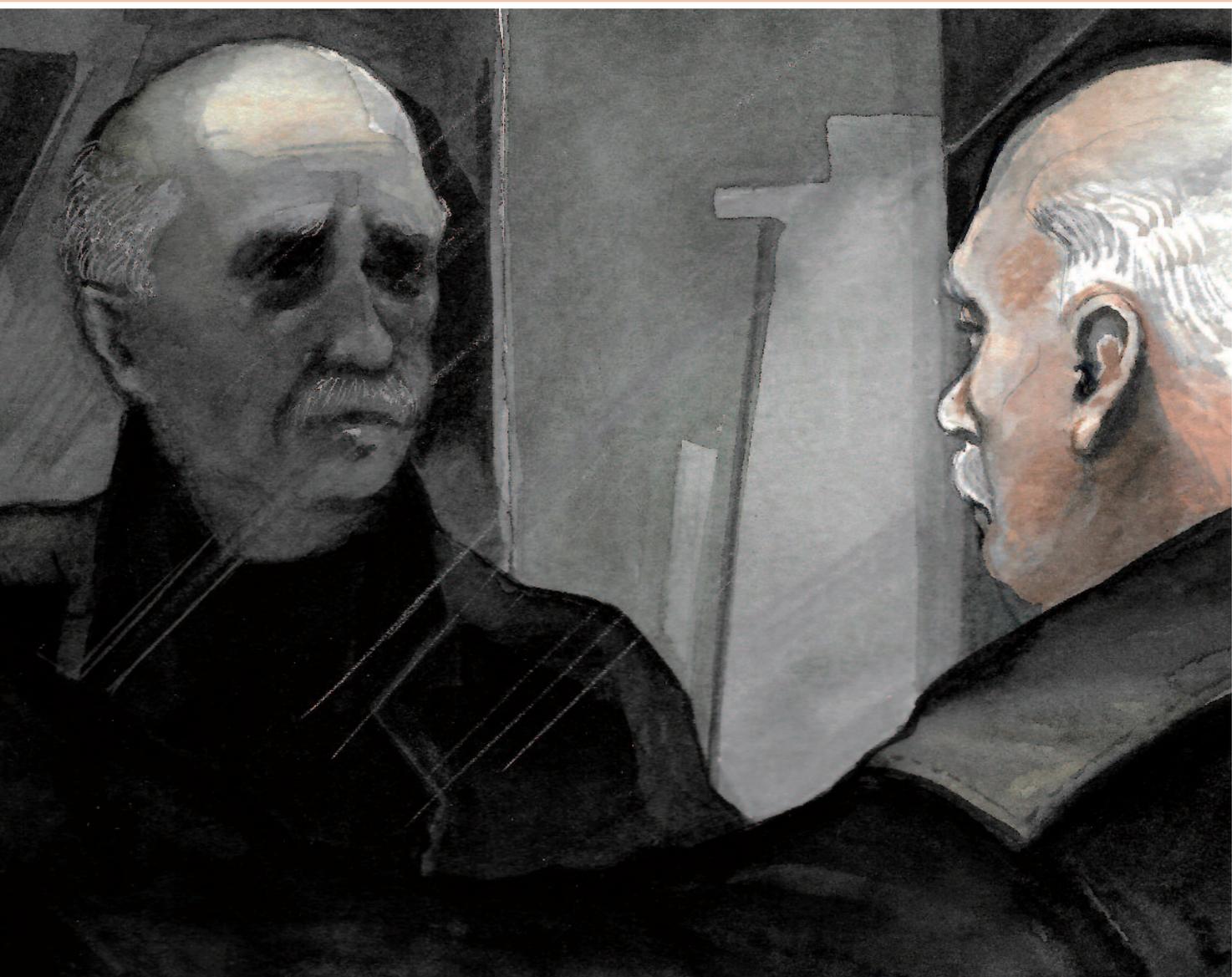
## OBRAS CONSULTADAS

### De Eça de Queiroz

- *Os Maias. Episódios da vida romântica*, Porto: Porto Editora, 2006;
- *O crime do Padre Amaro. Cenas da vida devota*, 3ª.ed., Orientação pedagógica e notas: Douglas Tufano. São Paulo: Moderna, 2015;
- *O primo Basílio. Episódio doméstico*. 1ª ed., São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015;
- *Eça de Queiroz. Obra completa*, v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 1997.
- *A capital! (Começos duma carreira)*. São Paulo: Globo, 2006;
- *O mandarim*, São Paul: Biblioteca Universal popular, 1963.

### Outras

- *Dicionário de Eça de Queiroz*, 3ª. ed., org. e coord. de A. Campos Matos, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda - INCM, 2015;
- *Eça de Queiroz. Uma biografia*. A. Campos Matos, 1ª. ed., Cotia (São Paulo): Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2014;
- *Eça de Queiroz. Agitador no Brasil*, 3ª. ed., Paulo Cavalcanti, Recife: Editora Guararapes, 1983;
- *Eça de Queirós*, João Gaspar Simões, 2ª. ed., Lisboa: Arcádia, s/d.
- *Eça. Vida e Obra de José Maria Eça de Queirós*, Maria Filomena Mónica. Rio - São Paulo: Editora Record, 2001;
- *A vida de Eça de Queiroz*, 2ª. ed., Luís Viana Filho, Rio: Nova Fronteira, 1984;
- *Eça político*, João Medina, Coleção Seara Nova, sem indicação da editora, Tipografia Antônio Coelho Dias, Lisboa: 1974.
- *Eça de Queiroz entre os seus*. Apresentado por sua filha. Cartas Íntimas. Lello & Irmão – Editores. Porto: 1948;
- *Eça de Queirós e o século XIX*, 5ª. ed., Vianna Moog, Rio: Civilização Brasileira, 1966;
- *História Literária de Eça de Queiroz*, Álvaro Lins, Rio: Edições de Ouro, s/d.
- *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, org. por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys, Edições Dois Mundos. Lisboa: Livro do Brasil; Rio: Livros de Portugal, 1945;
- *Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis. Cartas e recordações do seu convívio*. Escritos coligidos e apresentados por Beatriz Cinatti Batalha Reis. Porto: Lello & Irmãos–Editores, 1966.
- *Subsidiário 1. Confissões, Memórias & Histórias*, Herberto Sales, 2ª. ed., São Paulo: É Realizações, 2009;
- *Os Maias de Eça de Queirós*, Viana Moog, em *As obras-primas que poucos leram*, v. 1, org. de Heloísa Seixas, Rio: Record, 2004.
- *Austregésilo de Athayde: o século de um liberal*, Cícero Sandroni e Laura Constância A. de A. Sandroni. Rio: Agir, 1998.
- *Gênio. Os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Harold Bloom, Rio: Objetiva, 2003.



# Diálogo do silêncio

José Fernandes Filho

Desembargador do TJMG, aposentado

**M**ais dia, menos dia, o ser humano se põe em redentor confronto com sua luz interior. Sua consciência o acicata, o inquire, o interroga. Espreme-o como a um limão, só bagaço ao final. Com ele estabelece denso diálogo, mais instigante que o travado entre penitente e confessor. Não o julga, não o acusa, não o condena. Convoca-o ao autojulgamento. Hora da verdade, sem registros ou testemunhos. Espelho e gravador são incapazes de revelar-lhes a face ou a voz. Impenetrável, a cena a todos escapa, guardada, avidamente, em cofre de segredos jamais revelados.

Sozinho, ele; inquiridora, ela. Homem e consciência se encontram: começa um diálogo diferente.

**Que fizeste da vida? Respondes agora, no silêncio inviolável que existe entre nós, onde ninguém nos vê, nem nos ouve.**

Da vida fiz o que pude, altos e baixos, dentro das minhas humanas limitações. Sofri, cresci, caminhei muito. Nem santo nem herói, apenas humano, não me vejo maior ou menor. Este julgamento não é meu, nem seu, mas dos que virão depois de nós. Eles proferirão o veredicto final, sem emoção.

**De que te valeu caminhar muito, crescer e sofrer? Que proveito tiraste da caminhada?**

Sofrendo, crescendo, caminhando, construí família. Cheguei ao último degrau da escada. Do passado não sinto vergonha ou remorso: entreguei-me, sem reservas, às tarefas que a vida me impôs. Procurei exercê-las com dignidade, caindo e levantando a cada queda.

**Mérito somente teu? Não te ajudou a sorte? Não te valeste das boas relações, na longa e quase final caminhada?**

Parte do que consegui é fruto do esforço e da determinação pessoais. Outra parte, menor ou maior não sei, pode ser consequência das boas relações com que fui aquinhoado. Na convivência com os outros, não fui servo, nem senhor.

**Família, casamento, filhos. Estás pacificado?**

"Abensonhado", de bênçãos e sonhos, o casamento me deu filhos, cuja antecipada maturidade me fortalece. Companhia de eternidade, a esposa me acompanhou pelas comarcas do interior, grandes ou pequenas. Nunca me faltou sua solidariedade, sobretudo na doença.

**Até agora conversamos sobre tua família. E os outros, suas famílias, suas vidas? Como te comportaste na convivência com eles?**

A vida me enriqueceu com muitos amigos e poucos confidentes. Com os últimos, relação definitiva, de cumplicidade, um responsável pelo outro, em qualquer circunstância. Amigos, muitos. Nem todos bebendo do mesmo cálice. Com o

próximo ou distante, convívio de saudável respeito, sem arrependimento.

**Guardaste e amealhaste além de tuas necessidades? O excesso foi repartido?**

Amealhei, sim. Reparti, também, não em igual medida. Não carrego, a respeito, qualquer frustração. De economias pacientemente amealhadas, a família dispõe hoje de imóvel condizente com minhas responsabilidades. Não há, a rigor, excesso a repartir, mas dívidas a pagar.

**Pelo visto, tua passagem por este mundo terá algum sentido? Nenhum defeito, nenhuma falha?**

Você exagera. Pés de barro, quebradiço, valendo menos do que aparenta, aprendiz de cidadão, estive sujeito a avanços e recuos. Caí, e ainda cairei; até o fim, orgulhoso de minha humanidade.

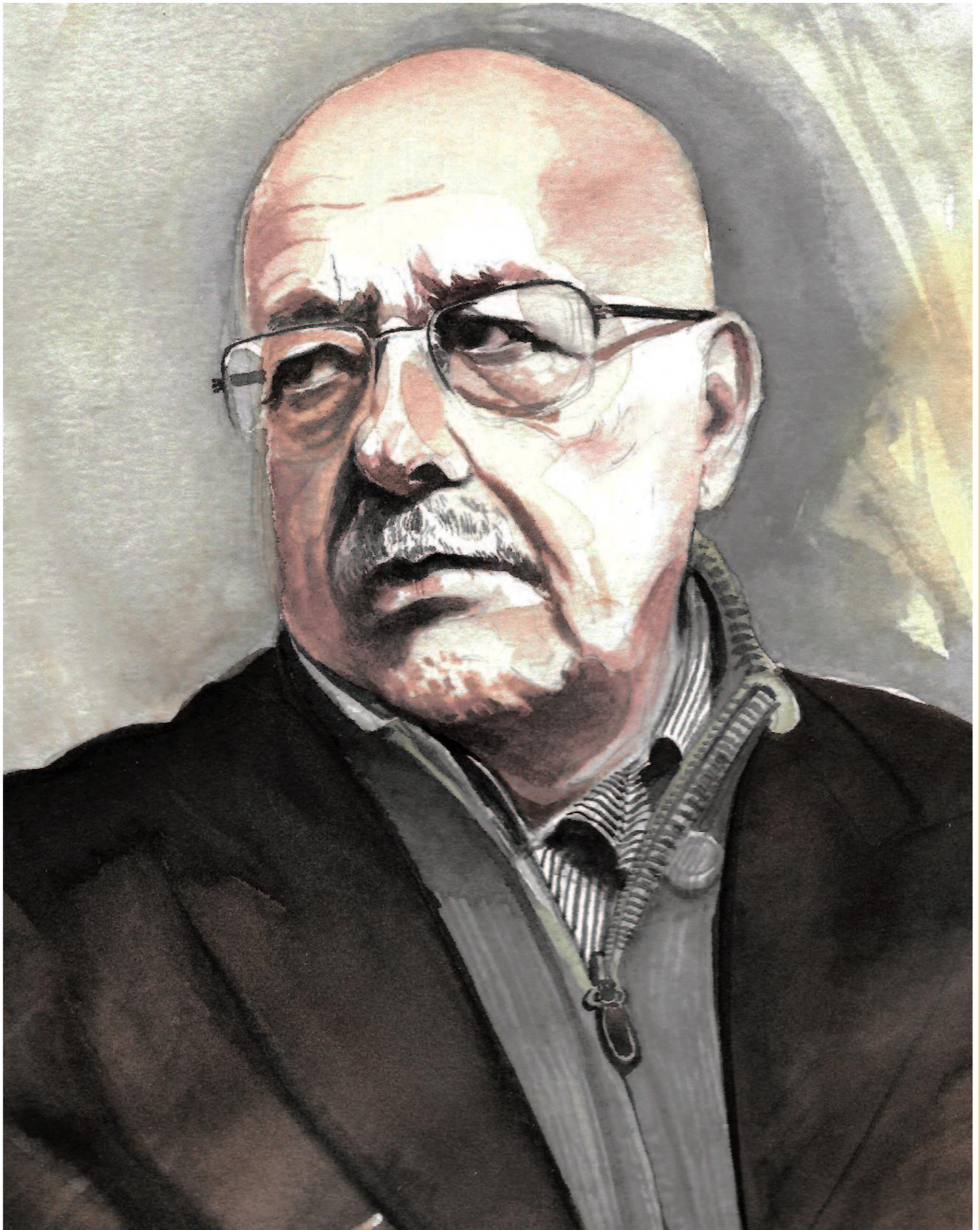
**Estás na magistratura há bastante tempo. Tua vida de Juiz valeu?**

Valeu, até agora. Lamento não ter podido fazer mais. Sou o que posso ser, não o que deveria ou queria ser. Cavaleiro do possível, constrange-me o julgamento, que sei sincero, de quantos me apontam como exemplo. Exemplo de humanidade, sim. Além disso, é juízo equivocado ou generoso, a aumentar-me a responsabilidade.

**Não te escondas atrás da tua humanidade para justificar erros e omissões. Esqueceste dos beneditinos, também pecadores, cujo mantra, ora e labora, te faria bem?**

Sua advertência é oportuna. Estou convencido de que só tem sentido a vida a serviço dos outros. Crescer, construir e amadurecer valem se também crescem e amadurecem os que caminham conosco.

“Caí, e ainda cairei;  
até o fim, orgulhoso de  
minha humanidade.”



# Silviano Santiago

## Escritor, professor e crítico à mercê das proezas do Acaso

Manoel Marcos Guimarães  
Jornalista, editor de MagisCultura

Nascido em Formiga, 81 anos a completar neste mês de setembro, junto com o lançamento desta edição de *MagisCultura*, Silviano Santiago é um daqueles mineiros que deixou Minas muito cedo, mas jamais rompeu seus laços com a mineiridade. A família mudou-se para Belo Horizonte quando ele tinha 10 anos e na capital graduou-se em Letras pela UFMG, em 1959. Já nessa época destacava-se como poeta, contista e como crítico de cinema, vinculado ao Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), sob orientação de Jacques do Prado Brandão, que considera seu mentor intelectual, ao lado de Murilo Rubião.

Ainda em Minas, foi um dos fundadores do grupo *Complemento*, que publicou revista homônima para veicular a produção intelectual da nova geração de artistas e escritores mineiros. Suas primeiras publicações datam dessa época: texto na antologia *Quatro Poetas* e, em parceria com Ivan Ângelo, o livro de contos *Duas Faces*.

Em 1961, transferiu-se para o Rio de Janeiro, para cursar o Centro de Estudos Superiores da Aliança Francesa e, no ano seguinte, viajou para a França, com bolsa do governo francês, para o doutorado na Universidade de Paris. O Acaso, como ele diz, desviou-o da França e o levou para os Estados Unidos, onde lecionou nas universidades de Novo México e Rutgers, e na Universidade de Toronto, no Canadá.

Voltou ao Brasil em 1974 e radicou-se no Rio de Janeiro, lecionando na PUC-Rio e na Universidade Federal Fluminense, além de exercer atividades como professor visitante em inúmeras universidades brasileiras e estrangeiras, incluindo diversas vindas a Minas. Foi um dos criadores da Associação Brasileira de Literatura Comparada e introdutor no Brasil dos estudos comparatistas e culturalistas e do pensamento do filósofo francês Jacques Derrida.

Entre os muitos prêmios de Literatura que ganhou estão o Prêmio ABL de Ficção (2009), o Prêmio Machado de Assis, também da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra (2013), o Prêmio Iberoamericano de Letras José Donoso (2014) e o Prêmio Oceanos (2015), pelo romance *Mil Rosas Roubadas*.

Em 2016 lançou o romance *Machado*, uma biografia romanceada sobre os últimos anos de vida de Machado de Assis, e em 2017 lançou *Genealogia da Ferocidade*, análise da obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Em entrevista à *MagisCultura*, Silviano Santiago fala de sua trajetória, de sua relação com Minas e os mineiros e analisa o processo criativo do escritor.

“O presente, se não for uma miragem, é cambiante demais para que resolva a relação entre os olhos e a mente.”

**MagisCultura - Logo após sua graduação em Letras na UFMG – 1961, aos 24 anos – o senhor deixa Minas, fica doze anos no exterior e se fixa no Rio de Janeiro. Foi possível manter contato com o ‘mundo literário’ mineiro nesse período? Sua relação com Minas, tanto a íntima quanto a externa, se manteve (mantém) intensa?**

**SILVIANO SANTIAGO** - Viajar não significa necessariamente abandonar. Na maioria das vezes a viagem monumentaliza e embeleza a paisagem antiga graças ao sentimento impositivo da saudade, que detona o engrandecimento das pessoas, lugares e tempos que se foram. Ninguém sente mais o peso do passado do que aquele que viaja. O presente, se não for uma miragem, é cambiante demais para que resolva a relação entre os olhos e a mente.

Desde os anos parisienses e os primeiros norte-americanos mantive um norte mineiro na figura fraterna de Murilo Rubião, fundador do Suplemento Literário do Minas Gerais. Minhas colaborações lá estão e por lá continuaram até os dias de hoje. Esse norte se consolidou nas sucessivas e curtas viagens que fazia a Belo Horizonte, quando me hospedava em casa de minha

irmã Nilda e revia os amigos e amigas da geração *Complemento*, que tinham ficado. Aproveitava a oportunidade para me aproximar da minha alma mater, a UFMG. Nela encontrei, entre muitos, três colegas que gostaria de nomear, Eneida Maria de Sousa, Wander Melo Miranda e Ana Lúcia Gazolla. Com os três mantive diálogo constante e camarada. Cada um, à sua maneira, tornou-se amigo/a e parceiro/a na minha vida acadêmico-literária. Sou-lhes agradecido pela acolhida e, mais do que agradecido, sou-lhes devedor de informações e de apoio logístico.

Nessa indispensável estrada de ida-e-volta, que é o retorno em seguidas migalhas, é que me fui instruindo no melhor conhecimento do Estado natal e também nas transformações por que ia passando a sociedade mineira no seu todo.

**MagisCultura - Com quais escritores mineiros o senhor se relaciona (ou). Acompanha a produção literária em Minas na atualidade?**

**SILVIANO SANTIAGO** - O correspondente a Murilo Rubião no Suplemento foi o meu mentor Jacques do Prado Brandão. Permaneceu em Belo Horizonte até a morte da esposa, quando se transfere para o Rio de Janeiro. Sem ele, responsável pelas minhas primeiras leituras propriamente literárias e pela “orelha” de *Em liberdade*, não teria sido a pessoa e o escritor que sou. Julgo que tenha sido fiel aos amigos mais velhos dos anos de *Complemento* (década de 1950), como Rui Mourão, Affonso Ávila e Benito Barreto. Deixei depoimento por escrito sobre as obras deles. Quando recebido na Imprensa Oficial por Murilo, fui apresentado às gerações mais novas, e logo os li e sobre eles muitas vezes escrevi. Como exemplo, cito os poetas Adão Ventura e Sebastião Nunes, os prosadores Sérgio Sant’Anna, Luiz Vilela, Jaime do Prado Gouvêa, Roberto Drummond e a ouropretana Guiomar de Grammont. Não confie em memória de velho. Peca pelo esquecimento. Mas não posso deixar de mencionar o grande amigo e romancista Autran Dourado, com quem partilhei – no Rio de Janeiro – o melhor das minhas leituras e reflexões sobre literatura. Fiquei feliz ao saber que seus livros e arquivos foram transferidos para a UFMG.

**MagisCultura - Observando a trajetória de sua produção, vê-se que sua obra ficcional é relativamente pequena até o final dos anos 1990, se intensifica a partir de 1999 (De Cócoras) e, principalmente, a partir de 2008. Alguma razão específica para isto? A maturidade libertou o ficcionista?**

**SILVIANO SANTIAGO** - A juventude pode ser uma camisa-de-força a obstruir, pelo simples prazer em viver, a escrita literária do seu fim primordial – o livro. No entanto, a mais definitiva das camisas-de-força a distanciar-me da prática da escrita foi a universidade. Não se faz uma carreira docente (não se tem um salário mensal, rs) sem preparação de aula e sem orientação de tese, sem reuniões do Departamento e sem coordenação de pós-graduação, sem palestras e sem ensaios, sem participação em bancas e concursos e sem viagens ao estrangeiro etc.. Sem colegas e alunos. O tempo do escritor foi comido, engolido sem mastigar. Acintosamente. Ainda não sei como resisti à fome canina da sala de aula e da vida num Departamento de Letras.

A aposentadoria, se não trouxe a remuneração digna do professor, pelo menos possibilitou o escritor livrar-se das atividades propriamente profissionais – na maioria das vezes também enriquecedoras e prazerosas, acrescento a bem da verdade. Nas muitas décadas em que ensinei, houve um acúmulo

“Nessa indispensável estrada de ida-e-volta, que é o retorno em seguidas migalhas, é que me fui instruindo no melhor conhecimento do Estado natal.”

de conhecimento – acúmulo gratuito, generoso e egoísta, que acabou por possibilitar que, entre 2013 e 2016, enfrentasse ao mesmo tempo dois autores notáveis e tão diferentes, Machado de Assis e Guimarães Rosa, e escrevesse dois livros penosos e difíceis – o romance Machado e o ensaio *Genealogia da ferocidade*. No encaminhar para a velhice, é que a mais-valia docente começa a render para o trabalhador braçal que fui e sou a contradizer ironicamente a tese marxista.

**MagisCultura - Em entrevista à UFMG, em 2005, o senhor afirmou que gostaria que a sua carreira profissional “não fosse apreciada apenas pela relação estreita que manteve com a Universidade”.**

**Poderia explicar essa declaração? Seria uma crítica velada aos muros relativamente estreitos da Academia? Sua vida acadêmica, afinal, sempre foi muito intensa.**

**SILVIANO SANTIAGO** - Comecei a respondê-la anteriormente. Continuo. No Brasil, não se admite que um conterrâneo possa ter uma prática criativa da escrita que seja produto de visão reflexiva sobre a arte. Admiramos os escritores e artistas estrangeiros que são criadores e críticos, como Flaubert, Mallarmé, Pound, Eliot, Borges, Paz, e só admitimos como escritores os nossos que se exercitam na advocacia, na medicina, na engenharia, na diplomacia etc., como Nava, Drummond, João Cabral, Rubem Fonseca e tantos outros. Julgamos, no entanto, desprivilegiados do poder de criação os conterrâneos que se dedicam à história ou à crítica literária.

Se fosse mais malicioso do que já sou, ou estou sendo, acrescento que se trata de mais um exemplo do complexo de vira-lata que muitas vezes demonstramos diante do estrangeiro. Mas não é apenas isso. Há algo na obra do escritor/crítico que requer, para ser bem fruída pelo leitor, paciência, tenacidade e admiração. Estamos dispostos a dispensar paciência, tenacidade e admiração à obra do escritor estrangeiro, mas – não sei por que razão – nós nos desobrigamos de assumi-las quando da leitura de autor brasileiro. Queremos a leitura *ipsis litteris* do romance ou do poema. Não nos damos o direito de sonhar com o livro à nossa frente. O requinte formal e os efeitos retóricos, típicos da modernidade, não são aceitos. Há como que no leitor brasileiro um conhecimento-de-Brasil inerente a cada um, conhecimento que só pode ser aperfeiçoado no contato com o livro estrangeiro. O exemplo mais escandaloso dessa situação é a inexistência de uma campanha nacional (evidentemente com lastros institucionais, para ser eficiente) a favor de um Nobel brasileiro. Não interessa quem.

**MagisCultura - Como autor e estudioso da Literatura, o senhor diria que toda obra de ficção traz em si forte peso autobiográfico? Qual o peso da autobiografia em sua obra? Em 'Machado', por exemplo, o senhor afirma (pag. 154) que "atuar e escrever são 'atos de simpatia', no sentido etimológico, 'eu sinto com'. Comunhão passageira e definitiva**

“O tempo do escritor  
foi comido, engolido  
sem mastigar.  
Acintosamente.  
Ainda não sei como  
resisti à fome canina  
da sala de aula e  
da vida num  
Departamento  
de Letras.”

**de sentimentos.” Enfim, qual o compromisso da ficção com a realidade?**

**SILVIANO SANTIAGO** - A experiência de vida é necessariamente o suporte discreto ou visível de toda escrita literária. A literatura não nasce no vácuo do corpo e das emoções. Entre a presença discreta e a presença visível dos elementos autobiográficos há múltiplas e delicadas tonalidades que só podem ser bem definidas com exemplos concretos. Basta que se compare o romance *Menino de engenho* e as memórias *Meus verdes anos*, ambos de José Lins do Rego. Na falta da leitura concreta e pomenorizada da questão, pode-se estreitar o campo das tonalidades pelo recurso ao gênero adotado pelo escritor.

A poesia lírica tende a ser mais subjetiva e emocional, mais autobiográfica, enquanto a prosa ficcional tende a ser mais distanciada do sujeito e, por exigir a criação de personagens diferentes, mais objetiva. Tende a ser menos autobiográfica. O poeta é sempre o próprio narrador do poema, por isso seu modo pessoal de se expressar se confunde em Drummond ou Bandeira com a voz lírica. Já o contista ou romancista tem de construir um narrador que possa manejar personalidades distintas e contraditórias, a fim de que o texto transmita uma experiência dramática (isto é, conflituosa, dramática) da experiência humana. Mas só no gênero autobiografia é que se dá o pacto entre autor, narrador e personagem. As três figuras retóricas levam o mesmo nome de batismo. No entanto, o extraordinário da literatura contemporânea é que os limites relativamente nítidos que desenhei são constantemente questionados (ou desconstruídos) pelos exemplos mais ousados, ou subversivos da literatura.

Talvez seja por isso que se acredite – ou pelo menos alguns autores acreditam – que a melhor leitura de uma personalidade não é aquela que se daria de maneira aberta e ingênua, como na autobiografia ou no diário íntimo. Dou um exemplo: a autobiografia de Alice B. Toklas foi escrita pela sua companheira Gertrude Stein. Evidente contrassenso. Desfez-se o pacto autobiográfico e se escreveu um admirável romance sobre o relacionamento entre duas mulheres. Dou outro exemplo: *Em liberdade*, de 1981, é um diário íntimo falso de Graciliano Ramos, escrito por Silviano Santiago. Foi o modo que encontrei para preencher um vazio na vida/obra de Graciliano Ramos, construindo ao mesmo tempo uma alegoria sobre as difíceis relações entre o intelectual e o Estado no Brasil, desde sempre, ou pelo menos desde a Inconfidência Mineira, e reafirmando, pela análise dos anos 1930, o escândalo político-ideológico dos anos 1960.

**MagisCultura - O foco principal de 'Machado' está no papel que a epilepsia teve na obra dele. E o senhor cita outros casos de artistas prisioneiros de grandes males físicos, como os de Aleijadinho, Flaubert e de Mário de Alencar, personagem muito presente no romance. A dor inspira?**

**SILVIANO SANTIAGO** - Se acatasse plenamente a generalização de que a dor inspira estaria equivocado. Também estaria equivocado se pura e simplesmente negasse a sugestão de que a dor inspira. Em alguns artistas, a dor – sendo ela produto de doença física ou mental – é razão para que a forma estética adotada pelo artista seja analisada de uma perspectiva que escape aos limites temporais que são estabelecidos por isso a

que chamamos de estilo-de-época. Trazer para a cena a epilepsia de Machado não é mera atitude de biógrafo desprovido do conhecimento da obra do nosso maior autor. Ele é ótimo exemplo do equívoco que o crítico pode cometer se o analisar como romântico, realista ou realista-naturalista (estou me referindo sobretudo aos últimos cinco romances). Machado cria uma forma para a narrativa ficcional que é dele, só dele, extremamente original aqui e no mundo. A narrativa ficcional de Machado não é oitocentista. Não é sentimental, não é linear, não é evolutiva. Afirma-se pela fragmentação da trama e não pela continuidade dos acontecimentos. Minha hipótese – e nessa matéria é melhor trabalhar com hipótese do que com certeza, aconselha Jean-Paul Sartre – diz que a “ausência” que sente como epilético, ao atualizar a morte no dia-a-dia, no rio ininterrupto, para muitos, da vida, seria responsável por uma narrativa que se desenvolve contraditoriamente pelos cortes bruscos e pelas interrupções inesperadas. Uma narrativa que se reforça semanticamente pelas soluções de continuidade.

“A poesia lírica tende a ser mais subjetiva e emocional, mais autobiográfica, enquanto a prosa ficcional tende a ser mais distanciada do sujeito e, por exigir a criação de personagens diferentes, mais objetiva.”

Verdadeiro paradoxo.

Antes de ser razão para a arte, a dor pode ser razão para a originalidade num grande artista, como Aleijadinho, Flaubert ou Machado. Ou, ainda, Manuel Bandeira. Lembre-se o poema “Pneumotórax”: “— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado. / — Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax? / — Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino”. Belo e original poema. Irônico, auto-irônico e atrevido também.

**MagisCultura - Machado de Assis é o maior escritor brasileiro? A coincidência de datas da morte dele com a do seu nascimento foi uma descoberta antiga, de alguma forma marcante em sua vida? Ou apenas algo recente?**

**SILVIANO SANTIAGO** - Gosto de acreditar nas proezas e malandragens do Acaso. Aliás, caso Machado já tenha sido lido, se perceberá que o tema o percorre do princípio ao fim. O Acaso nos endereça para situações de vida que nunca poderíamos ter imaginado, nunca poderíamos ter trabalhado a favor do seu acontecimento futuro. Ele fica ali, ao lado da gente, que nem sentinela, a vigiar, a conduzir e a iluminar os passos de cada um. Sempre fui dócil aos seus ensinamentos. Como poderia ter imaginado que, bolsista do governo francês em Paris, teria sido contactado pelo bom amigo Heitor Martins para candidatar-me a um posto de professor na Universidade do Novo México, nos Estados Unidos da América? Nunca. Mal tinha conseguido minha “carte de séjour”, tinha eu em mãos um “green card”. Minha vida acadêmica tinha sido conscientemente construída com vistas ao doutorado em literatura francesa na Sorbonne. Anos e anos de trabalho e sacrifício. Cursos na Alliance Française de Belo Horizonte, matrícula em Letras na UFMG, dois anos de especialização em literatura francesa na Maison de France, no Rio de Janeiro, o trabalho de decifração e transcrição dum manuscrito de André Gide que encontro, também por acaso, no Rio de Janeiro, e assim por diante. Tudo isso me prepara para viver e trabalhar em... Albuquerque, Novo México, cidade que reencontro, por coincidência, como cenário para *Breaking bad*, a recente e premiada série de televisão. Em 1962, abandono passageiramente a literatura francesa e ensino as literaturas brasileira e portuguesa até o verão europeu de 1967, quando retorno às letras francesas, defendendo o doutorado e me transformo – prova de que o Acaso existe – professor titular de literatura francesa nos Estados Unidos, onde trabalho com figuras notáveis como René Girard, Eugenio Donato e Raymond Federman. Nossos professores visitantes são Michel Foucault, Michel Serres, Julia Kristeva e tantos outros. Encanto-me com a filosofia de Jacques Derrida, que virei a divulgar na pós-graduação da PUC do Rio de Janeiro. As armadilhas do Acaso me predestinaram também ao livro *Machado*. Nunca poderia ter sonhado escrevê-lo. Mas eu o estava escrevendo desde sempre, ou pelo menos desde o dia em que nasci.

**MagisCultura - Há diversos trabalhos seus escritos a partir de cartas de escritores (Machado, Drummond, Mário de Andrade, Gonçalves Dias, Ana Cristina César). As cartas revelam mais sobre as pessoas (escritores) do que as entrevistas e os próprios textos literários?**

**SILVIANO SANTIAGO** - O interesse pela correspondência dos escritores surgiu, na minha carreira acadêmica no Brasil, como acidente de percurso. Estávamos em meados dos anos 1970 e havia certo esgotamento na análise e interpretação das grandes obras – dos textos nobres, por assim dizer – dos autores modernos brasileiros e estrangeiros. A pesquisa marcava passo. Surgiu-me então a curiosidade pelos gêneros menos nobres da literatura, pelos gêneros menores: o diário íntimo, a autobiografia e, evidentemente, a correspondência.

Meu interesse primordial foi o de usar estrategicamente os gêneros menores na análise dos gêneros nobres. Mostrar como a teoria literária, que vinha sendo difundida desde o tempo dos formalistas russos até os tempos pós-estruturalistas, minimizava agressivamente a experiência de vida dos grandes autores. Experiência de vida que estava exposta de modo inequívoco no diário íntimo, na autobiografia e na correspondência. Ou ainda em grandes obras filosóficas como o *Ecce Homo*, de Nietzsche. Esse contraponto enriqueceria – acreditei – não só nosso conhecimento teórico da literatura como também nossa prática de leitura desse e daquele autor, desse e daquele romance, conto ou poema.

O primeiro exemplo concreto do deslocamento teórico e analítico se deu no momento em que passei a redigir o romance *Em liberdade* (comecei a esboçá-lo em 1976, pensando primeiro num diário íntimo falso de Cláudio Manoel da Costa). Se não for demasiada a pretensão, acredito que realizava ficcionalmente o que não poderia ser feito em ensaio. O contraponto entre gêneros nobres e gêneros menores é, pois, o modo como passei a atuar em alguns escritos meus, constituindo isso a que Michel Foucault vai chamar, no ensaio “*Quem é o autor?*”, “*a costura enigmática entre obra e autor*”. Esse foi o fundamento do romance já referido sobre Graciliano, outro sobre Antonin Artaud e, ainda, *Mil rosas roubadas* e *Machado*. Foi ainda esse espírito que me levou a trabalhar enlouquecidamente com a correspondência Mário & Carlos, publicada pela Editora Bem-te-vi. E assim por diante.

**MagisCultura - O trecho que transcrevo a seguir de ‘Machado’, página 64, é uma profissão de fé de Silviano Santiago ou é ficcional?**

**“Não admiro Paul Claudel. Prefiro crer na escrita torta por linhas direitas do Diabo. Para a felicidade do homem, ele inventou a fé e o sexo. Já Deus, invejoso do rival, fez o homem confundir fé com religião universal e sexo com casamento. Na verdade, não creio em Deus nem no diabo. Prefiro crer no homem e no seu trabalho.”**

**SILVIANO SANTIAGO** - Subscrevo-a, claro, até mesmo porque fui eu quem redigiu a curta passagem. Mas há que se compreender o modo como um autor/narrador subscreve uma afirmação sua. Ela é dele, mas é também de muita gente. Toda citação é um conglomerado, como dá a entender a epígrafe do romance assinada por Thomas De Quincey: “*O que é o cérebro humano senão um palimpsesto natural e poderoso?*”. A curta passagem tem a ver – como está claro – com Paul Claudel a caminhar descuidadamente pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, em 1917. Escuta por acaso uma frase (na verdade um

“Talvez admire mais o Diabo porque ele, ao contrário de Deus, escreve por Acaso, no meio do redemoinho da vida.”

provérbio lusitano) dita por um passante: *Deus escreve certo por linhas tortas*. O provérbio será epígrafe – em língua portuguesa, já que ele não existe em francês – de peça de teatro dele, *Le soulier de Satan*, datada de 1930. Como pano de fundo, a parábola do alfaiate escrita por Samuel Beckett, em que o ator diz como Deus construiu em sete dias um mundo horroroso e que ele, alfaiate, tinha costurado em sete meses de trabalho calças perfeitas. Bastava comparar mundo e calças para ver de que lado estava a perfeição. Não esqueça, ainda, que estava escrevendo um ensaio sobre o *Grande sertão: Veredas*, que tem como mote não só “*viver é perigoso*”, como também o “*Diabo existe e não existe*”. Naquele momento, comecei também a fazer conjeturas sobre a figura de Capitu (ou da amada, ou da Musa em Machado de Assis): belíssima, mas com olhos de cigana oblíqua e dissimulada. Fui ler *Hesíodo*, em particular “*Os tempos e os dias*”, de onde desentranho a figura de Pandora, um manequim de incrível beleza, mas, cuidado!, com o temperamento de cadela. Talvez admire mais o Diabo porque ele, ao contrário de Deus, escreve por Acaso, no meio do redemoinho da vida. Em suma, esse caldo – somado a outros ingredientes que esqueço – é que é na verdade o verdadeiro autor da passagem citada. Para mim, a literatura é isso. A vida também. Muitas vozes e uma só. Depuração do saber. Soma. E, noves fora, escrita.

# Assassinato em Ouro Preto

Silviano Santiago  
Para Murilo Rubião

“**T**he war is latent but actual – so actual indeed that a sword is literally drawn and a man is really killed.”

Lionel Trilling, comentando o romance *Howards End*, de E. M. Forster

Uma vez por ano mandava o tipógrafo imprimir um boletim que repartia entre a estação rodoviária e as duas ou três agências de turismo da cidade. Anunciava em rosa e verde desbotados esculturas em pedra-sabão e indicava como chegar à sua loja. Ponto de partida: a estátua de Tiradentes em frente da Escola de Minas – descesse a ladeira do Grande Hotel, atravessasse a pequena ponte ao lado da Casa dos Contos, passasse pelo Hotel Tóffolo e logo depois, antes de chegar à esquina: duas portas.

Trabalhava no inverno, empilhando nas prateleiras algumas dezenas de santos e animaizinhos, e ocupava o verão atendendo os turistas, dando preços, vendendo e ainda vendendo cartões-postais e outras bugigangas impostas pelo fornecedor geral de todas as lojas concorrentes. Os cartões-postais nunca chegavam a amarelecer, mas as esculturas empilhadas lá dentro nas prateleiras se cobriam de pó, e era o cuidado extremado de mãe – de costas – que as limpava com um trapo de flanela negra: meia-volta e as mostrava ao turista.

Debaixo de um abajur colorido ia lentamente trabalhando a pedra. O vaivém dos seus gestos, na sua totalidade final, era uma forma que repetia as mesmas formas do animal a ser esculpido. Suas mãos tinham descoberto o significado da produção em massa, e a pedra-sabão sob as suas ordens era a matéria plástica se entregando ao vapor e ao molde – ao anonimato.

A maioria dos turistas eram estrangeiros, ou brasileiros que se contentavam com olhar e não dizer nada. Perguntavam pelo preço e ele respondia preço, um depois do outro. E se conversava pouco durante o dia, menos ainda quando voltava para casa. Para sua companhia trazia alguns animaizinhos que dispunha sobre a única mesa que havia na casa e na sala: pedras de dominó, dispostas simetricamente em desenhos que lembravam coração, circunferência, flor de quatro pétalas (ou seria folha? ou trevo de quatro folhas?), fruto com o cabinho aparecendo. Guardava para si o significado do desenho e nunca – ao contrário do que fazia quando terminava uma escultura e se extasiava – e nunca nomeava em voz alta o produto alcançado. Uma única vez por semana, uma preta velha, sua vizinha e que lhe dava pensão de marmitta, vinha pôr ordem na casa e se metia com os animaizinhos: figuras de presépio cercado (adorando) uma manjedoura que existia apenas nos olhos dela.

No dia do seu aniversário, pela manhã, fazia com que formassem as suas iniciais, e depois, de noite, dava um piparote no primeiro: ia derrubando os outros, soldadinhos de chumbo em campo de batalha suicida.

Mister Muzzle chegou num táxi com placa da capital. Entrou com o chofer loja adentro e não abriu a boca para dizer nada.

“Suas mãos tinham descoberto o significado da produção em massa, e a pedra-sabão sob as suas ordens era a matéria plástica se entregando ao vapor e ao molde – ao anonimato.”

Quando o chofer parava numa vírgula e lhe pedia o seu consentimento para ir adiante, abanava ligeiramente a cabeça, os olhos davam piscadelas descontroladas e os lábios se moviam para a esquerda. Não deixaram que o comerciante dissesse uma só palavra – que fosse escutando. Quando chegou ao final, o chofer lhe fez a proposta e lhe perguntou se estava de acordo, comprometendo-se ao mesmo tempo com Mister Muzzle numa guinada de corpo e de rosto. O chofer recebeu das mãos de Mister Muzzle um cheque já previamente preenchido e o pôs sobre o balcão. Deram as costas ao mesmo tempo, tendo os seus rostos (pele branca e pele morena) se encontrado num sorriso pálido de quem pensa que já é tempo de ir chegando. Os olhos do comerciante se acenderam de júbilo no corpo entorpecido pela emoção. Brillhavam imóveis no corpo quietamente sentado por mais de uma hora.

Só depois é que começou a tomar as providências que a encomenda requeria, e nervosamente, estabanadamente. Fechou com ruído as portas do seu estabelecimento, caminhou até o fornecedor de pedra-sabão. Não o encontrando, deixou recado com o moleque que tomava conta. Já sabia que o moleque não daria o recado e que teria de voltar mais tarde – o prazo era relativamente curto. Mas isso não tinha importância agora: depois do torpor veio a necessidade de exercitar os músculos da perna e do rosto. Foi à farmácia dar a boa nova. No outro dia todos o cumprimentariam com um sorriso mais aberto. E para que a cidade não duvidasse das palavras do farmacêutico, pensou que era indispensável que fosse depositar o cheque.

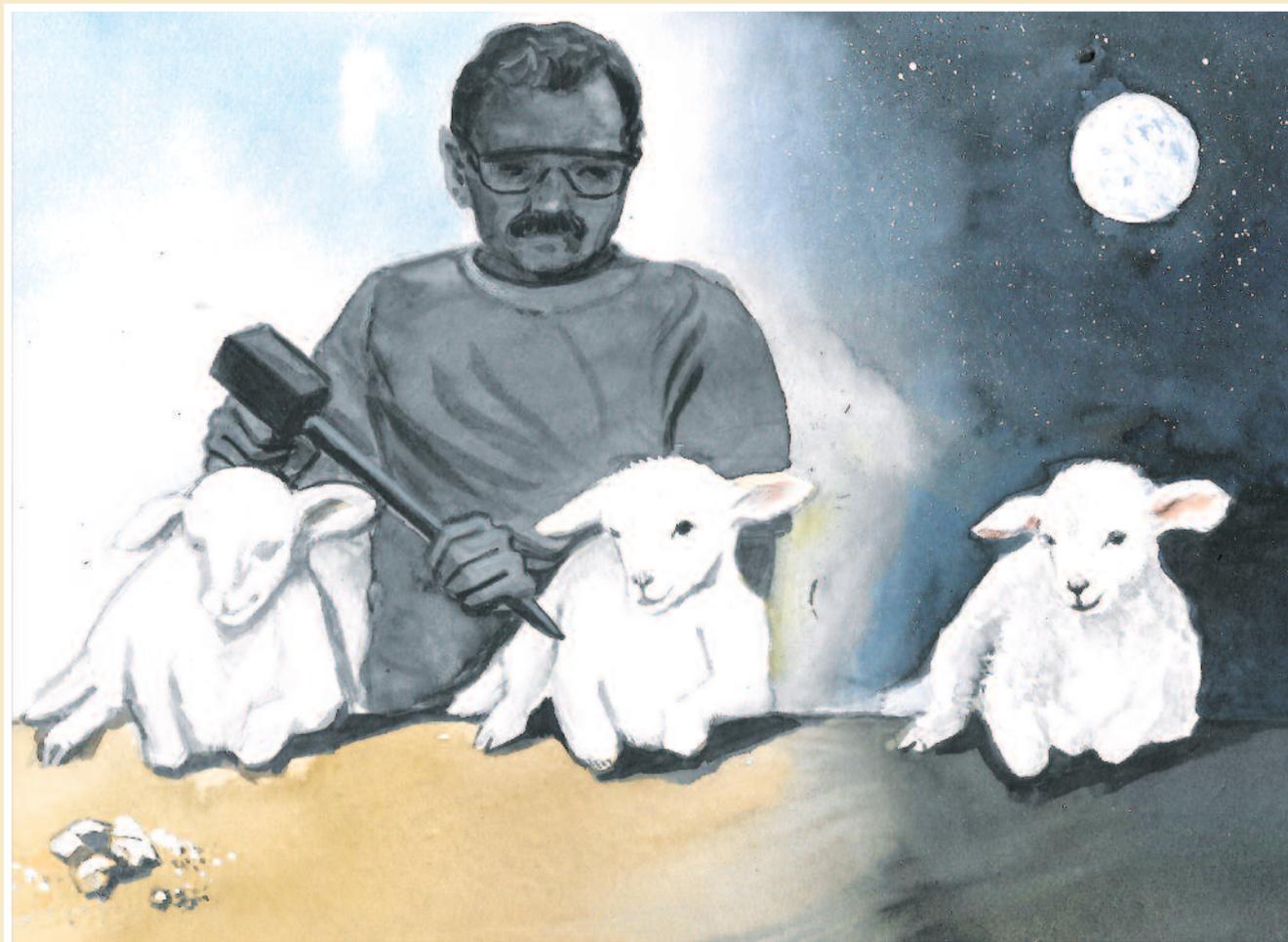
Começou o serviço naquela mesma noite com as pedras que tinha em estoque. Seriam de dez centímetros de altura, tamanho com que já estava acostumado, pois era o que mediam

tanto os seus santos, como as pequenas figuras de animais ou aves. Bateu meia-noite nos diversos relógios da cidade, e as badaladas vieram encontrá-lo no quarto pedaço de pedra, com três completamente inutilizadas por terra. Não conseguia chegar à forma desejada que tinha em mente. Cordeiro algum tinha saído da sua imaginação; era antes povoada por gatos, cachorros, leões, elefantes, ou então por galos, perus, pombos, ou ainda pelos diversos santos mais queridos da região.

Sentado. Sentado sobre três das patas (as duas da direita e a esquerda da frente); a quarta perna, a esquerda de trás, aparecia inteiramente, mas dobrada ao meio. As duas da frente deveriam surgir sob a forma do joelho logo abaixo do focinho. A cabeça do cordeiro estaria ligeiramente voltada para a esquerda, enquanto a orelha direita estaria completamente levantada e a da esquerda um pouco caída, murcha. O rabo seria mais longo do que normalmente se encontra na natureza e entraria por entre as pernas traseiras.

Pensou que o problema talvez estivesse no fato de querer deixá-lo deitado por terra, o que dificultava ligeiramente as diversas reentrâncias a serem feitas. Preferível deixá-lo de pé, sustentado pelas quatro patas. Mas aí a figura já sairia minúscula (figura: corpo). Se o chofer lhe tivesse dado um modelo, não teria lugar para dúvidas, e o único que faria seria copiar. Quis depois que tivesse deixado o seu endereço ou o de Mister Muzzle. Quis finalmente que ele próprio se lembrasse da placa do carro de praça. Ia inutilizando as três pedras que agora estavam no chão.

Foi deitar deixando já o corpo e a cabeça do cordeiro completamente esculpido e em estado definitivo. Faltava apenas a parte inferior, a mais fácil, e só foi deitar porque se sentia satisfeito com a forma a que tinha chegado. A partir de



“Foi cortando capim com as mãos e ajuntando no paletó do pijama, que tinha se transformado em um desses aventais que lembram colhedoras de fruta em retrato de revista.”

então o serviço seria mais fácil e, incentivado pelo dinheiro no banco, correria sem dificuldade. Imaginando as esculturas empilhadas e já vendidas (cordeiros de frente, mesmo focinho), imaginava também o conforto que elas lhe assegurariam no futuro imediato, e já se sentia mais respeitável dentro da comunidade. Os conhecidos de vista seriam de aperto de mão; os de aperto de mão seriam de abraço; os de abraço seriam de cafezinho... – e foi sorvendo cafezinho num círculo de amigos inexistentes que pegou no sono.

Na noite seguinte já tinha uma estátua pronta e outra bem adiantada. Não estava satisfeito com o ritmo de produção, mas sabia que tão logo caísse na rotina poderia facilmente entregar a quantidade encomendada dentro do prazo exigido e sem necessidade de recorrer a um ajudante. Foi nessa noite que escutou um balido de ovelha, ou de cordeiro. Parecia mais balido de fome do que de alegria. De manhã encontrou o verniz da mesa ligeiramente arranhado. Olhou a figura e estava como a tinha deixado, apenas o acinzentado da pedra já estava adquirindo a cor esbranquiçada e ressequida que tem tão logo entra em contato com o ar e começa a envelhecer.

Na noite seguinte ouviu balidos de ovelha, ou de cordeiro, e estava acordado. Acendeu a luz e viu os três cordeirinhos que estavam na extremidade da mesa olhando para ele e balindo. Teve medo de que se assustassem e caíssem no chão se estilhaçando em mil pedaços. Se levantou apressadamente e com mãos delicadas de pastor os conduziu até o centro da mesa onde estariam mais seguros. Continuavam a balir, mas o balido era minúsculo, proporcional ao tamanho que tinham adquirido na pedra-sabão. Não teve tempo para pensar se estava sonhando ou não, pois já estava abrindo a porta que dava para o quintal à procura de capim e sentindo de cheio no rosto o ventozinho frio que sopra de madrugada em Ouro Preto. Estava certo de que baliam porque estavam com fome. E tão logo saciada a fome se calariam.

Foi cortando capim com as mãos e ajuntando no paletó do pijama, que tinha se transformado em um desses aventais que lembram colhedoras de fruta em retrato de revista. Voltou para dentro e espalhou o capim pela mesa, dizendo baixinho que comessem. Obedeceram à ordem ou ao estômago deles. Logo o capim já tinha desaparecido e começavam de novo a balir e a olhar para ele. Correu ao quintal e de lá voltou com uma quantidade fantástica (eram apenas três cordeirinhos). Devoravam o quanto podiam e depois se sentaram adquirindo a posição primitiva, ao mesmo tempo que sua lã ia escurecendo, se acinzentando. Reparou que eram de carne e osso e que tinham inclusive tomado a cor e o pêlo naturais. Se levantaram de novo, brancos. Escutou soluços, e pensou que queriam água. Trouxe-a numa lata vazia de marmelada. Enquanto bebiam ficou olhando para eles. Paravam de beber e ficavam olhando para ele também. Depois começavam a beber de novo.

Com os primeiros albores da madrugada se petrificaram e só ressuscitaram na próxima noite quando o tiraram do mais gostoso e necessário dos sonos.

A ceia se sucedia com regularidade e maior se tornava o trabalho de alimentação: já agora sobre a mesa estavam 11 estatuazinhas, e amanhã saberia que estariam 15, e depois talvez 21 (mais rápida se fazia a confecção agora que já estava de posse do segredo que tornava o trabalho pura reprodução) – e todas famintas! Pensou em deixá-las armazenadas na loja. Chegou a levá-las para lá. Mas quando caminhava de volta para casa sentiu tal culpa que imediatamente deu meia-volta e foi buscá-las. Se

sentia com as obrigações de pai extremado e consciencioso. A preta velha é que se assustou quando na sexta-feira veio pôr ordem na casa: folhas de capim por todo santo canto, e sobre a mesa em lugar das variadas figuras que costumava encontrar, apenas cordeiros, e todos eles amontoados num monte de capim, ocupando toda a mesa, como se o artífice tivesse querido deixá-los como se os encontra na natureza. Duas latas de marmelada, com água, imitavam lagos. Por via das dúvidas não limpou a mesa – apenas arranjou os cordeirinhos em melhor disposição, a que lembrava o Menino Jesus e a adoração. Varreu o capim do chão.

Estava cansado, já por duas semanas não pregava os olhos. De dia trabalhava para que a encomenda fosse aviada dentro do prazo exigido e de noite lá estava de pastor a cuidar dos cordeirinhos. Mais famintos despertavam, mais ainda agora que formavam dezenas e que o balido se fazia mais alto. Os minúsculos balidos se agrupavam, subiam uns aos ombros dos outros e se alongavam e se agigantavam formando um longo e ácido bééééé, tão formidável quanto o de um cordeiro adulto e tenor.

Tão logo chegava em casa, esquentava a marmitta, comia e ia para a cama. Tão cansado estava e tão seguro estava de que seria acordado horas mais tarde, que se entregava como uma flecha ao sono. Dormia algumas poucas horas e logo estava às voltas com cortar capim da horta e dar de comer e de beber aos cordeirinhos. Tentou deixar o capim já cortado – foi inútil; só aceitavam capim fresco. Tentou lhes dar de comer e de beber e voltar para cama, mas reclamavam sua presença até as primeiras luzes do dia. Seus olhos se inchavam, suas mãos tremiam, as últimas peças traíam o nervosismo que invadia seus músculos e os deixava tensos e dóceis como cordas de violão. Nos seus trabalhos diurnos mal se podia notar pequenos detalhes importantes como os olhos, o focinho, a delicadeza das raiais entre os dedos das patas, ou mesmo o inesperado do bordado que reproduzia com felicidade a maciez e os caracóis do pêlo de cordeiro. Chegou a abandonar alguns pedaços de pedra-sabão. Até mesmo a proporção lhe saía errada. Pensava no cheque no banco, se lembrava do prazo exigido, apressava os gestos, perdia a paciência e se esquecia dos detalhes. As mãos noturnas do pastor traíam o mesmo desespero das mãos diurnas. Iam empurrando os animais para o centro da mesa, fazendo uma enorme pirâmide, sem se preocupar com o fato de que o vizinho de cima estava pisando o vizinho de baixo. Não se sabia mesmo como podiam comer capim, e a água se esparramava antes que as boquinhos ávidas chegassem a tocá-la.

Foi de noite, depois de ter sido acordado pelos balidos. Notou que alguns cordeirinhos coxeavam da perna, outros não conseguiam abrir as bocas para comer capim ou tomar água, nem mesmo para soltar um fraco balido – estavam como essas casas de botão onde se nota a costura, mas onde não se tinha ainda feito o buraco. Outros, infelizes, traziam orelhas ao meio (não sangravam), e um vinha sem rabo. Outros ainda traziam enorme pelada no lombo superior. Outros, cegos, iam aos trancos e barrancos.

Sentiu tal desgosto da criação que não se conteve e foi quando passou pela sua cabeça a fúria de que se sentiria possuído horas mais tarde.

Esperou que se petrificassem. Quando se sentaram imóveis e cinzentos sobre as patas, o braço paciente e protetor do pastor varreu a mesa e os cordeiros caíram por terra se espatifando. Pisou-os e repisou-os várias vezes socando como mão de pilão. Varreu os cacos e a farinha para um jornal aberto.

Dormiu tranqüilo o resto da noite e o dia seguinte. (A loja não vai abrir? – perguntavam os comerciantes vizinhos). Quando acordou na outra noite, começou uma nova série de esculturas. Na parte superior, saindo do pescoço, se sobressaía um cabo de espada: a lâmina – invisível – trespassava o coração do cordeirinho antes mesmo de que ele nascesse.

[Conto escrito em 1968 e publicado na coletânea O banquete: Rio de Janeiro, Saga, 1970.]

“Sentiu tal desgosto da criação que não se conteve e foi quando passou pela sua cabeça a fúria de que se sentiria possuído horas mais tarde.”



# Viola e violeiros podem ser ‘patrimônio imaterial’ da cultura mineira

“**A** viola traz em si sentimentos que são mais do que necessários diante do que estamos vivendo hoje. São sentimentos de coletividade, de amor, de fé e de amizade. Ela recupera a ideia de ‘cumpadricidade”.

Chico Lobo, violeiro

Trazida ao Brasil no começo da colonização portuguesa e utilizada pelos jesuítas na catequese dos colonos nativos, a viola encontrou desde sempre forte eco em Minas e está prestes a ser reconhecida como patrimônio imaterial da cultura mineira. A iniciativa é do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha - MG), que deu início este ano ao projeto *Violas: modos de fazer e tocar em Minas*, buscando identificar “onde estão presentes os tocadores e os fazedores do instrumento no estado e mapear as características regionais relacionadas ao fazer e ao tocar a viola, além de compreender as relações do instrumento com as comunidades”.

Para o secretário de estado de Cultura, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, a intenção de fazer o registro se justifica porque a viola é “o instrumento que, por excelência, traduz o sentimento da mineiridade, entre o dedilhado de festa e a toada melancólica, a alegria e a saudade” (leia texto dele nesta edição).

Para a presidente do Iepha, Michele Arroyo, a etapa em curso do projeto, que é a de fazer o inventário e conhecimento do que a viola representa para Minas, “talvez seja mais importante do que o próprio reconhecimento como patrimônio imaterial, pois é ela que vai dizer o que deve ser reconhecido”. “Conhecer é mais importante do que tudo, antes de reconhecer”, resume, assegurando que um dos desdobramentos desse registro será o embasamento de políticas públicas destinadas à preservação.

O gerente de Patrimônio Imaterial do Iepha, Luís Gustavo Molinari Mundim, acrescenta que o reconhecimento como ‘patrimônio imaterial’ não significa congelar ou definir um padrão para o modo de fazer e de tocar viola em Minas, que são muitos, mas tão somente fazer o registro do que existe, de modo a estabelecer o comprometimento do Estado na definição de recursos para sua salvaguarda.

Até agosto último o projeto já havia recebido o cadastro de mais de 700 violeiros e artesãos de todo o Estado, com maior concentração nas regiões Central e do Triângulo Mineiro. A partir desse cadastro, a expectativa do Iepha é de elaborar até o final do ano as fichas do inventário, avaliar e concluir o dossiê de registro, que seria apresentado ao Conselho Estadual do Patrimônio Cultural no primeiro semestre de 2018.

*Quando aprovada pelo Conselho a proposta, o modo de fazer e tocar viola será a quinta manifestação a ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial mineiro. Já possuem esse registro o modo de fazer o queijo artesanal da região do Serro (2002), a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (2013), a Festa de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos, de Contagem (2014), e as Folias de Minas (2017).*

## Preservar é preciso

Com mais de 30 anos dedicados a esse universo, o violeiro Chico Lobo diz que a iniciativa do Iepha “chega numa hora fundamental, porque é um momento de crescimento do instrumento e, quando ele cresce, dialoga com vários instrumentos e estilos; então o projeto vai proteger um pouco a origem da viola, os mestres do sertão”. Lobo acredita que o registro valoriza também os que estão começando e dá primazia a Minas, que “sai na frente”. Na verdade, o Iepha também já iniciou trabalho de levantamento nacional, embora menos adiantado que o projeto mineiro.

Outro violeiro que elogia o projeto é Rodrigo Delage, que tem quatro discos de viola lançados, todos premiados. “Esse mapeamento da diversidade de formas de se fazer e tocar violas em Minas Gerais é essencial para que possamos preservar e incentivar tradições que são marcas do povo mineiro”, diz ele. Delage entende que há algumas formas de se tocar viola que praticamente só existem em Minas Gerais e que enquanto algumas dessas formas, como a viola da música caipira, se desenvolvem com muito vigor, outras nem tanto. “Assim, é preciso conhecer e distinguir esse universo para que não percamos expressões musicais valiosas e únicas ligadas a este instrumento em nosso Estado”, conclui.

“É preciso conhecer e distinguir esse universo para que não percamos expressões musicais valiosas e únicas.”

“Dentre as várias formas de se fazer e tocar viola em Minas, existe a que eu passei a chamar de “viola dos Gerais”, Gerais como território geográfico e humano no qual se insere o sertão norte mineiro e sua gente.”



## Violeiro desde criança

Talvez o mais destacado violeiro de Minas da atualidade, Chico Lobo conta que está no “universo da viola” há mais de 30 anos. “A viola está na minha vida desde criança, quando meu pai recebia as Folias de Reis em São João del-Rey; a viola é o instrumento principal do mestre de Folia e eu ficava encantado com aquele som.” Ganhou sua primeira viola aos 12 anos, presente do pai, que integrava uma dupla de música caipira. Seu principal mestre no instrumento foi Nelson Jacó, de Jequitibá.

Na década de 1980, conheceu Renato Andrade, o mais celebrado violeiro de Minas, que “rompeu a viola do sertão para a cidade”, foi fazer faculdade na capital e ingressou no grupo folclórico Aruanda, viajando Brasil afora durante 10 anos. Em 1991, “larguei tudo para seguir carreira”. Em 1996 gravou o primeiro disco e ganhou o Prêmio Sharp de Música Brasileira, o mais importante do país, e a carreira deslançou de vez, com excursões ao exterior e no Brasil.

Ele já gravou mais de 20 discos e dois DVDs, ganhou inúmeros prêmios e hoje apresenta um programa na TV Horizonte (“Viola Brasil”) e outro na Rádio Inconfidência (“O canto da viola”), ambas de Belo Horizonte.

## Um violeiro roseano

Rodrigio Delage é um dos mais destacados violeiros de Minas, com quatro discos lançados e diversas participações especiais em produções fonográficas. Seu primeiro álbum, “Viola Caipira Instrumental”, de 2003, teve a participação dos violeiros Pena Branca (da dupla com Xavantinho) e Chico Lobo e foi premiado como melhor disco de viola do ano, pelo “Prêmio Nacional de Excelência da Viola Caipira”.

O segundo álbum, “Águas de uma Saudade”, de 2008, é inspirado no universo musical na cultura popular que envolve o Rio São Francisco. Também em 2008 saiu o disco “Imaginário Roseano”, com João Araújo e Geraldo Vianna, uma homenagem ao centenário de nascimento de Guimarães Rosa. O álbum mais recente é “Périplo – Viola Caipira”, em que ele une a viola caipira a instrumentos modernos como piano, flugelhorn, bateria, baixo, percussão e violão. Destaque para a adaptação de versos da obra do poeta Manoel de Barros. O disco recebeu menção honrosa na lista dos 100 principais discos da MPB lançados em 2014.

Ele resume assim sua trajetória: “Minha história com a viola começou às margens do Rio São Francisco, na cidade de Pirapora, onde passei minha infância. A minha linguagem na viola está intimamente ligada à natureza e ao folclore dessa região. A cultura popular em torno do Rio São Francisco é muito rica, assim como é rico o sertão que o envolve, e a viola é a porta voz maior dessa riqueza cultural e musical. Digo que dentre as várias formas de se fazer e tocar viola em Minas, existe a que eu passei a chamar de “viola dos Gerais”, Gerais como território geográfico e humano no qual se insere o sertão norte mineiro e sua gente.”

# O som da mineiridade

Vem da viola a sonoridade que mais agrada ao ouvido mineiro. “Minas além do som, Minas Gerais,” escreve Drummond, e as cordas da viola se fazem ouvir por toda parte, nas montanhas garimpeiras ou nos chapadões geralistas. É o instrumento que, por excelência, traduz o sentimento da mineiridade, entre o dedilhado de festa e a toada melancólica, a alegria e a saudade.

Em 1881, fizeram questão de apresentar a Dom Pedro II o fabricante da famosa viola de Queluz, José de Souza Salgado, o ‘Salgado Velho’, na cidade que hoje se chama Conselheiro Lafaiete, em honra do ilustre intelectual queluzense. O escritor Antônio Versiani conta uma curiosa história sobre a viola de Queluz, pela qual um marido chegou a trocar a mulher. Zé Coco do Riachão notabilizou a viola de Montes Claros, enquanto Téo Azevedo celebra a de Bocaiúva.

Renato Andrade firmou uma referência. Roberto Correa, Chico Lobo e Pereira da Viola comprovam a mestria mineira no assunto. João Araújo destaca-se na pesquisa. Em Uberlândia, Tarcísio “Mano Velho” convoca mil violeiros para enfatizar o primado de Minas Gerais nesse assunto. E foi assim que o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha/MG) e a Secretaria de Estado de Cultura saíram atrás dos violeiros e das violas de Minas, visando o registro de um patrimônio imaterial tão nosso quanto um queijo da Canastra, um grupo de catopé do Serro, uma cachaça de Salinas ou um congado de Oliveira.

Levantar a história da viola, para garantir sua permanência, desde a criação por pacientes luthiers, até aos notáveis concertos em grandes salas internacionais, é a meta de um projeto que empolga o Iepha / MG e enriquece a vida cultural dos mineiros.

## Uma tradição portuguesa bem mineira

A viola chegou ao Brasil junto com os colonizadores portugueses e foi usada pelos jesuítas na catequese de indígenas e negros, em diversas regiões do país, principalmente nas comunidades rurais. Em Minas, ela se transformou em elemento indispensável nos ritos e comemorações religiosas - como as folias e congadas - e de cunho popular - como os momentos de colheita ou os mutirões - e adquiriu características próprias, com a utilização de materiais locais em sua fabricação.

Sua interação com a gente mineira foi tamanha que ela deu origem a uma série de lendas, como a de que o ‘Coisa ruim’ costumava descer rio abaixo em uma canoa tocando viola e as moças bonitas da cidade, encantadas com os ponteios e a beleza do violeiro, pulavam dentro do rio e eram levadas por ‘ele’.

Um pouco dessas histórias encontrou registro na obra de João Guimarães Rosa, especialmente em Grande Sertão: Veredas, em que Riobaldo, o personagem principal, fala dela várias vezes, como no trecho “Só um bom tocador de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo”. O mesmo Riobaldo também manifesta em determinada passagem que “Querida ouvir uma bela viola de Queluz, e o sapateado dos pés dançando”.

As “violas de Queluz”, aliás, são a principal referência da história

do instrumento em Minas. Em Queluz de Minas, hoje Conselheiro Lafaiete, chegaram a existir 15 fábricas de viola e muitos violeiros, que encantaram Dom Pedro II, em sua passagem pela cidade, em 1881, a ponto de ele anotar em seu diário, após ouvir uma seresta, conforme registro de Cláudio Alexandrino, em Viola de Minas: “Apareceu o violeiro - fazem-se aqui muitas violas - a que veio tinha caixa de pinho e braço de jacarandá, sendo os embutidos de cabiúna. O rapaz tocou bem viola e melhor violão também feito aqui”.

A fabricação de violas em Conselheiro Lafaiete resistiu até o início do século XX, sendo suplantada gradativamente pela produção industrial. Há em Minas ainda vários artesãos que fazem violas rústicas e luthiers, que produzem as mais refinadas, mas nenhuma grande produção. Segundo Chico Lobo, as artesanais são vendidas por algo em torno de R\$ 300,00 e as mais sofisticadas podem custar até R\$ 6 mil.

O aprendizado de fazer e tocar a viola continua ocorrendo basicamente de forma informal, pelo contato do interessado com um mestre violeiro, oriundo da própria família ou do local de moradia. Mas já há iniciativas de criação de cursos, como a do Instituto Chico Lobo, que manteve até recentemente o projeto ‘viola-raiz nas escolas’, atendendo crianças nos distritos de Cajuru e Emboabas, na zona rural de São João del-Rey, e uma escola de viola em Santana dos Montes. A Universidade de São Paulo já possui uma cadeira de estudo da viola, mas em Minas ainda não há iniciativa formal de ensino universitário do instrumento.

A típica viola caipira de Minas possui dez cordas, distribuídas duas a duas, em cinco ordens. Já foram identificadas no Estado 39 diferentes afinações, mas as mais conhecidas e praticadas são a ‘Rio Abaixo’ e a ‘Cebolão’. Nas apresentações das Folias de Reis, as violas estão sempre ornadas com fitas coloridas, cada cor com um significado próprio: azul para Maria, a mãe de Jesus; rosa para José, o pai; marrom, contra o mau olhado; preta, quando o violeiro fez pacto com o diabo; e assim por diante.

“Vem da viola a sonoridade que mais agrada ao ouvido mineiro.”

# Três poemas

**Llewellyn Medina**

*Desembargador do TJMG, aposentado*

## A canção do bem-te-vi

**N**ão é pedra de roseta  
lei das doze tábuas  
o discurso de Péricles aos aturdidos atenienses  
lenda depois da TV de plasma

faca nos dentes  
profetas sem rumo e seu desespero  
último lançamento do ano  
emoldurado retrato três por quatro  
(e essa ânsia de eternidade)  
brancos arianos dentes de marfim

não Eufrates para submergir pecadores  
pescadores em sua loucura lançam em vão  
redes colhem CPF do planeta

e o bem-te-vi paira indiferente  
a flor virtual não pode ser colhida.



## Minhas mãos

**D**estino  
certo  
quieta  
tumba

mãos  
passearam rios  
jazem mortas  
no silente frio.

## Foi-se o tempo

**E**squálidos peixes piracema  
voam através de seus resplandecentes corpos  
cachoeira delgada translúcida  
fio de navalha

foi-se o tempo de fecundar

tempo de não mais mesa posta  
famintos devoram raios  
formigas desvairadas desfilam sem rumo  
e a pedra silenciosa e vazia  
marco de eras por vir  
foi-se o tempo de colher margaridas.

# Meu Rio continua lindo

**Raimundo Messias Júnior**  
*Desembargador do TJMG*

**M**eu Rio continua lindo  
Mar e montanhas se encontrando  
Praia, sol, ondas indo e vindo  
É a nova estação que vem chegando

Meu Rio continua lindo  
Arpoador, fim de tarde  
Bondinhos descendo e subindo  
Por do sol sem alarde  
Meu Rio continua lindo

Redentor estende os braços  
Casais aproximando e partindo  
Meu Amor se perde em teus abraços

Meu Rio, o Carnaval é lindo  
Explosão de cores  
Alas entrando e saindo  
Despertando paixões, contagiando amores.



# Dois Poemas

**José Maria Vieira Starling**  
*Juiz de Direito, aposentado*

## A trama do amor

**U**ma lua mansa e nua  
 Entre nuvens, suavemente,  
 Perfumando a rua,  
 Uma flor da noite.

O amor faz sua trama,  
 E trama sempre o que ele quer,  
 E o olhar em chama  
 Contempla essa mulher.

Lá no fundo da noite,  
 Céu em mansidão,  
 E o amor se abisma  
 Na vertigem da paixão.

Ao luar... iluminura...  
 Findo o fogo do desejo,  
 O amor virando o avesso  
 da paixão se fez ternura.

Silêncio na rua,  
 Quieta a madrugada...  
 Dorme calma e nua  
 A mulher amada.

Ao claro da lua,  
 Dorme, dorme, dorme,  
 Silenciosamente,  
 A amada nua...

## Prelúdio para um pássaro

**A**mar como se fosse  
 Um pássaro em sobrevoo  
 Voando ao vento  
 Sem prender o voo

Um amor de longo curso  
 Ao curso da viração  
 E da saudade que renova  
 O doce fruto da paixão

Assim voo montanhas  
 Viajo mares e savanas  
 Trazendo nuvens  
 Corais e flores  
 O dia a noite e a madrugada  
 Pra te encontrar de novo  
 Mais bela e mais amada



# Dois poemas

João Quintino Silva

*Desembargador do TJMG, aposentado*

## Efervescência

**Q**uanto em grana tem no bolso  
O cacique desta plebe?  
Tem meio bilhão, seu moço,  
Com que compra, come e bebe...

Líder não governa - rouba.  
Rouba a saúde, rouba a infância...  
Cofres públicos arromba  
Pra suprir sua ganância.

“Calma, meus colegas! Calma!  
Tem propina para todos”,  
Diz o alcaide sem ter trauma,  
Distribuindo a grana a rodo.

Triste Pátria, a brasileira!  
O homem público dá jeito.  
Ajeita a família inteira  
E alguns amigos do peito.

Candidato é desse jeito.  
Numa troca desumana,  
Dou-lhe voto pra prefeito,  
Dá-me ele uma banana!

Luta para ser prefeito,  
Deputado ou outra raça  
E, depois de ser eleito,  
Metete os pés na população.

O que importa é ganhar voto.  
Sem a cívica consciência,  
Vão forçando o povo ignoto  
À prática da abstinência.

Passar fome é natural  
Pois o pobre, que não dorme,  
Não tem casa nem mingau,  
Não tem saúde, não tem nome.

E não há reação da massa!  
Ninguém pega no fuzil!  
É verdade e não chalaça:  
É um desastre esse Brasil!

Dirigentes! Que catástrofe!  
É pecado ser honesto?  
Eu registro nesta estrofe  
Minha raiva e meu protesto!

## Cantoria

**C**anta o caboclo, à viola,  
A canção que, doida, rola  
Para os brandos corações!  
Sob a mão que, ágil, ponteia,  
Ao clarão da lua cheia,  
Vão surgindo as emoções!

Fica atenta a enorme turba.  
O cantor não se perturba  
Ao glosar do berço a história.  
Aos dons seus, de que se ufana,  
Saúda a grande massa humana,  
Canta a vida e canta a glória!

Da garganta, que é estupenda,  
A verdade, quase lenda,  
Para o céu, então, se alteia!  
O auditório, de tal sorte,  
Entra em mágico transporte,  
Solta aplausos – de alma cheia!

Cresce a voz nos ares quando  
Gritam todos aclamando  
O inspirado sertanejo!  
O bucólico cenáculo  
Dá mais força ao espetáculo,  
Mais realce ao grato ensejo!

Um cantor desta grandeza,  
Sem igual na redondeza,  
Deixa o ouvinte satisfeito.  
Bem merece nossas palmas  
Que, ao que sentem nossas almas,  
Ninguém canta desse jeito!

(Fazenda Figueira, SP)



# Dentro de mim

**José Arthur de Carvalho Pereira Filho**  
*Desembargador do TJMG*

**D**entro de mim  
Mora uma mulher velha,  
Que fica acorçada  
Ao lado do fogão a lenha,  
De uma casa de barro,  
Chão batido,  
Construída no interior  
De Minas,  
De mim.

No mais,  
Só o compasso persistente,  
De um relógio vazio,  
Pregado na alma,  
Batendo horas.



# Dois Poemas

**Elson de Paula e Silva**  
*Juiz de Direito, aposentado*

## Fascínio

**A** banhista  
que do mar saiu,  
não se preocupou  
ao tirar os excessos de água  
do seu lindo cabelo  
que pelo corpo escorria.  
Na delgada silhueta  
a cabeça balançava  
e aos poucos se viam  
gotículas de água das ondas,  
cor de mel,  
que aos pés chegavam.  
Caminhou pela praia  
simplesmente,  
sob olhares atentos, que fingia não ver!  
O calor secava-lhe o corpo.  
Ela desleixada,  
de tão linda tão feia,  
de tão feia tão linda,  
só na presença,  
no displicente caminhar,  
em tudo mandou.

Acariciou a brisa  
como um fascínio  
em tarde de poesia que não se acaba,  
e de tão linda tão feia  
e de tão feia tão linda  
fez o que bem quis,  
arrasou



## Contos de Viena

**A** li se dançam belas valsas!  
Salões inebriantes, em volteios,  
voltar é o voltar, arrepiante!  
Segue-se o dançar  
nas lindas e perfeitas noites  
de valsas inesquecíveis,  
misteriosas valsas!  
Olhares fixos promessas e juras,  
brindes ao vinho à vida e princesas,  
como cisnes que buscam  
o lago dos afagos, lendas da beleza!  
Sonhos perdidos, beijo roubado  
no bosque das flores,  
borboletas de mil cores, encantadas!  
Regato que flui, rios de sons e notas  
entre romances e valsas  
de pequenos segredos escondidos,  
profundos segredos, alegria ou amargor!  
Tons de conquistas, medidas,  
ardente amor, carruagens, voo de fadas!  
Às vezes carícias em desmazelos,  
volúpia loucura em volteio  
devaneio que rodopia e esvoaça.  
Sombria sombra que invade  
e o voltar ultrapassa, devassa!  
Minutos são poucos,  
instantes quase nada!  
Iluminada a madrugada,  
amantes inda carregam  
inquieta e contagiante valsa.  
Em chamuscas um violino surge docemente  
a voltar corações!



# Borges, o mago portenho

Rogério Medeiros Garcia de Lima  
Desembargador do TJMG

Fui introduzido ao notável escritor argentino Jorge Luis Borges em setembro de 1980, quando ele concedeu entrevista à revista *Veja*, da Editora Abril. Fiquei fascinado pela exótica figura cosmopolita, homem culto, vivaz, sarcástico e dono de prodigiosa memória.

Borges contava, então, 81 anos de idade. Era cego desde os 50, mas produzira fabulosa obra literária. Ele não disfarçava a frustração por não haver sido laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. De fato, é uma enorme injustiça histórica.

Conheci a Argentina somente em 2004, quando visitei Buenos Aires. Foi amor à primeira vista. Retornei diversas vezes à capital portenha e digo sempre a familiares e amigos:

– *Esqueçam as rixas do futebol e aprendam o caminho de Buenos Aires. É o caminho dos sonhos.*

Quando vou à capital argentina, não deixo de visitar as ricas livrarias locais. Trago na bagagem, entre outras valiosas aquisições, livros escritos por e sobre Borges.

Não se assimila o mágico universo borgeano sem ter conhecido Buenos Aires.

## Buenos Aires, cidade encantada

Fundada em 1516, às margens do Rio da Prata, Buenos Aires é a capital e maior cidade da Argentina. O nome atual deriva da antiga denominação *Ciudad de Nuestra Señora Santa María del Buen Ayre*.

A presidência de Domingo Faustino Sarmiento, no final do século 19, foi um marco na história da Argentina. Seu governo acolheu imigrantes europeus, investiu na educação – sobretudo na educação primária – e promoveu o desenvolvimento econômico (construção de ferrovias, urbanização da capital etc.).

Buenos Aires foi a principal beneficiária desse impulso econômico. A cidade se europeizou nos gostos e modismos. O *Teatro Colón* – então localizado na *Plaza de Mayo* – era o centro das atividades sociais de uma elite que começava a viajar frequentemente a Paris.

A capital se tornou o maior empório de riquezas da nação. Com população cosmopolita, arquitetura renovadora, minorias cultas e porto movimentado, exibia os traços das mudanças que ocorriam no país (ROMERO, 2006:107-108).

Ao escrever sobre o cinquentenário do romance *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez, a jornalista Sylvia Colombo assinalou (*Folha de S. Paulo*, 03.05.2017):

“Quando o jovem Gabriel García Márquez (1927-2014) ia à livraria Nacional, uma de suas preferidas de Barranquilla, cidade da costa colombiana onde morou um tempo, voltava carregado

de títulos de seus autores favoritos, como William Faulkner, Albert Camus e Franz Kafka.

“*Todos tinham algo em comum: eram traduzidos e lançados em Buenos Aires, então principal centro editorial da América Hispânica.*

“*Aqui estavam a Emecé, a Losada e a Sudamericana, que editavam escritores da região, além de traduzir autores clássicos internacionais para o espanhol para a América Latina; conta à Folha Ezequiel Martínez, filho do escritor argentino Tomás Eloy Martínez (1934-2010), hoje diretor cultural da Biblioteca Nacional de Buenos Aires.*”

## Mãe despótica, pai psicólogo

Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires, no dia 24 de agosto de 1899, filho de Jorge Guillermo Borges e Leonor Acevedo de Borges.

Leonor descendia de uma família tradicional uruguaia. No livro *Cuaderno San Martín* (1929), Borges incluiu o poema *Isidoro Acevedo*, em homenagem ao avô materno.

Isidoro foi militar do Exército de Buenos Aires e opositor do ditador Juan Manuel de Rosas. Lutou nas batalhas de Cepeda (1859), Pavón (1861) e Los Corrales (1880). Faleceu de congestão pulmonar, na casa onde o neto Jorge Luis Borges nasceu.

Em *Isidoro Acevedo*, Borges descreve a desolação do menino diante da morte, que lhe fora ocultada (KODAMA, 2016:35-36):

“*En metáfora de viaje me dijeron su muerte; no la creí. Yo era chico, yo no sabía entonces de muerte, yo era inmortal; yo lo busqué por muchos días por los cuartos sin luz.*”

O escritor argentino Alan Pauls assinalou (*O pai de Borges*, Folha de S. Paulo, 11.07.2009):

“*Como todo mundo, Jorge Luis Borges (1899-1986) teve um pai e uma mãe. Dos dois, entretanto, apenas um - a mãe - ocupa um lugar na mitologia borgeana. Descendente de espanhóis e militares, Leonor Acevedo de Borges foi uma mãe de tomar em armas, afiada e despótica. Vigiou a carreira literária de seu filho com rigor higienista, um pouco como os pais dos precoces prodígios dos esportes ou da televisão hoje moldam as trajetórias de seus rebentos. Proibiu Borges de ler ‘Martín Fierro’ (‘um livro que só é apropriado para sem-vergonhas’), promoveu a carreira dele ‘silenciosa e eficientemente’, afugentou namoradas ameaçadoras, foi sua secretária, sua leitora em voz alta (quando Borges ficou cego), sua companheira de viagem. E, basicamente, foi longeva. Viveu quase cem anos, o que a permitiu chegar do escuro século 19, no qual nasceu, até meados dos anos 70 do século 20, a aurora de uma civilização midiática que contribuiu para celebrá-la.*”

“Legou a seu filho sua biblioteca (‘o feito capital de minha vida’), a amizade magistral de Macedônio Fernández, dois males inexoráveis (a timidez e a cegueira) e um mandato difícil de resistir: o de escrever.”

Jorge Guillermo Borges, o pai, era advogado e professor de psicologia. Tinha uma sortida biblioteca. Compartilhava os livros e a vocação de escritor com o filho. Aos onze anos de idade, o menino traduziu um conto de Oscar Wilde (KODAMA, 2016:40). Alan Pauls observou (*art. cit.*):

*“O apagado Jorge Guillermo Borges não teve a mesma sorte. Morreu em 1938, quando seu filho nem sequer intuía a fama que o aguardava. Advogado, anarquista com veleidades de filósofo e professor de psicologia, Borges, pai, fez por seu filho muito mais do que a posteridade sensacionalista se dispõe a reconhecer, ela que, no fundo, o reduziu a uma anedota lasciva: a prostituta que ele contratou em Genebra para que seu filho, então no final da adolescência, se iniciasse nos ardores do sexo. (...)”*

*“O mais importante que Borges, pai, deu a seu filho, deu já morto, sob a forma pudorosa mas influente do legado. Legou a seu filho sua biblioteca (‘o feito capital de minha vida’), a amizade magistral de Macedônio Fernández, dois males inexoráveis (a timidez e a cegueira) e um mandato difícil de resistir: o de escrever. Isso porque, além de plagiar William James nas aulas de psicologia que dava na Escola Normal de Línguas Vivas, Jorge Guillermo Borges era escritor, e do tipo mais perigoso: um escritor fracassado. Tinha escrito poemas, textos, exercícios de prosa que mantinha em segredo, a meio caminho entre o hobby e o fetichismo, e que só se atreveu a mostrar a seu filho quando ganharam forma em um gênero dotado de autoridade: um romance. Borges, pai, publicou ‘El Caudillo’ em 1921, quando seu filho tinha pouco mais de 20 anos, era vanguardista e só tinha dado a conhecer um punhado de versos de incendiado espírito bolchevique. O romance – ‘interceptado’ por algumas metáforas audazes que Borges, filho, conseguiu incorporar a ele - passou despercebido, mas funcionou como elo crucial na cadeia de transmissão entre pai e filho. Até o final de sua vida, o autor de ‘Ficções’ confessava que um de seus projetos mais caros, que nunca realizou, era ‘revisar e talvez reescrever o romance de meu pai, ‘El Caudillo’, como ele me pediu há anos’. Talvez nessa reescritura se encontrasse a única possibilidade de assistir a um milagre que a obra de Borges sempre nos negou: o milagre de um Borges romancista”.*

#### Iniciação europeia

Em 1914, quase totalmente cego, Jorge Guillermo Borges decidiu passar uma temporada com a família na Europa. Em Genebra, o filho Jorge escreveu alguns poemas em francês, enquanto estudava o bacharelado (1914-1918). Publicou resenha de três livros espanhóis para um jornal genebrino. Em 1919, Jorge Luís mudou-se para a Espanha, onde publicou poemas e manifestos na imprensa.

Em 1921, Jorge Luis retornou a Buenos Aires. Redescobriu a capital portenha na efervescência dos anos 20 e escreveu seu primeiro livro de poemas, *Fervor de Buenos Aires* (1923).

No poema *Arrabal*, referiu-se à terra natal (KODAMA, 2016:14-15):

*“Esta ciudad que yo creí mi pasado  
es mi porvenir, mi presente;  
los años que he vivido en Europa son ilusorios,  
yo estaba siempre (y estaré) en Buenos Aires.”*

## Perseguido pelo Peronismo

O ditador Juan Domingo Perón [governou a Argentina de 1946 a 1955 e de 1973 a 1974, quando foi reeleito após período de exílio] entrou em conflito com a imprensa e intelectuais argentinos (ORTIZ, 1996:277):

*“A escassez de papel era real; Perón a utilizou para asfixiar os jornais de seus adversários.*

*“Mas não se limitou à imprensa escrita. Em maio de 1946, determinou que todas as estações de rádio reproduzissem no horário das 20h35 as informações da rádio estatal. Os programas radiofônicos – estava escrito com todas as letras – deviam ‘abster-se de toda crítica’. Os jornalistas que infringissem a regra, sujeitavam-se a processos por atentado à ordem pública. Outros intelectuais foram punidos com mais humor: Borges, empregado numa biblioteca municipal, foi nomeado inspetor de aves e ovos nos mercados de Buenos Aires. Preferiu privar-se de tamanha honra, ficando desempregado durante todo o regime peronista.”*

Borges havia sido nomeado diretor da Biblioteca Pública Nacional em 1937, cargo que deixaria nove anos depois, com a ascensão de Perón. Em 1955, Borges foi novamente nomeado diretor da Biblioteca Nacional, na Calle México (KODAMA, 2016:57).

## Paixão maior: os livros

Para Borges, nada era mais importante do que ter um livro em mãos. Dizia que o livro era o mais assombroso objeto criado pelo homem. Enquanto caleidoscópios, máquinas e outros aparelhos são instrumentos do corpo, o livro é instrumento da memória e da imaginação. Através dos livros, o homem pode guardar a memória da humanidade (KODAMA, 2016:57).

Era grande leitor de dicionários e enciclopédias – que lia horizontalmente e não como instrumento de consulta. *“Ninguém deu o status de literatura às enciclopédias e dicionários como Borges”*, afirma o escritor Jorge Schwartz (MEIRELES, Folha de S. Paulo, 22.07.2017).

Mesmo depois de ficar cego, Borges continuava a comprar livros (KODAMA, 2016:60-61). Adquiria novas edições e traduções, para confrontá-las com as de que já dispunha.

Uma das suas paixões era reler os livros. Assinalava nos exemplares as datas da aquisição e das releituras. Fazia anotações no rodapé das páginas. Apontava contradições e remetia à página onde havia alguma afirmação contraditória.

A visão da biblioteca de Borges impressiona. Mais da metade dela é formada por livros de Filosofia, Matemática, Lógica e Religião:

*“Para Borges una forma de felicidad en estado puro – como me decía – era la lectura, otra menor era la creación”.*

A biblioteca era a maior riqueza desse homem que desprezava o luxo.

Em *Borges oral*, afirmou (KODAMA, 2016:66):

*“... el libro, ese instrumento sin el cual no puedo imaginar mi vida, y que no es menos íntimo para mí que las manos o que los ojos”.*

Borges publicou o texto *El libro* (KODAMA, 2016:67-68). Valorizava o livro como instrumento que estende a memória e a imaginação.

“Através dos livros,  
o homem pode  
guardar a memória  
da humanidade.”

Sem embargo, afirmava que, na antiguidade, a palavra escrita não era tão apreciada, porque trazia uma mensagem morta, fechada e imutável. Muito distante da palavra poética, leve, sagrada e alada, como a considerou Platão.

Recorda que Pitágoras e Cristo não recorreram à mensagem escrita. Seus ensinamentos foram transmitidos oralmente. Daí a riqueza dos diálogos diretos com Sócrates, mediante os quais Platão quis reproduzir a palavra do mestre.

Borges assim se expressou, nos versos do poema *Mis libros* (KODAMA, 2016:75):

*“Mis libros (que no saben que yo existo)  
son tan parte de mí como este rostro  
de sienes grises e de grises ojos  
que vanamente busco en los cristales  
y que recorro con la mano cóncava.  
No sin alguna lógica amargura  
pienso que las palabras esenciales  
que me expresan están en esas hojas  
que no saben quién soy, no en las que he escrito.  
Mejor así. Las voces de los muertos  
Me dirán para siempre.”*

### Literatura, ética e carreira

Para Borges, Cristo ensinou que o homem se salva pela fé e pela ética. Swedenborg acrescentou a inteligência. Blake nos indicou três caminhos de salvação: o moral, o intelectual e o estético. Afirmou que o terceiro foi pregado por Cristo, já que cada parábola é um poema.

A poesia é ética. A pessoa humana tem o dom de traçar seu próprio quadro de valores e cumprir com a sua essência.

Ao longo de sua vida, Borges deu provas de valor, ao enfrentar situações às vezes complicadas, sem abandonar os valores que defendia.

Desde a infância, sabia que o seu destino era ser escritor. Somente ao cumprir tal essência – entendia – poderia se salvar. A salvação seria estética. Para ele, a estética encerra a ética (KODAMA, 2016:103).

O reconhecimento literário de Borges somente se consolidou em 1961, quando recebeu o prêmio concedido pelo Congresso Internacional de Editores, dividido com Samuel Beckett.

Seu livro *Labyrinths* é considerado a “pedra de toque” da literatura latino-americana na década de 1960. A obra fez sucesso e foi a referência da escola chamada “realismo mágico”, formada por obras de ficção sobre a história turbulenta e fantástica da América Latina.

Para os europeus, essa literatura rompia as fronteiras do realismo e criava uma nova visão da realidade. O movimento encontrou sua autêntica produção com o livro *Cem anos de solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez (WOODALL, 1999:31).

### A cegueira e suas ‘inimagináveis dádivas’

Na época em que foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires (1955), Borges perdeu a visão. Referiu-se a isso como “*la ironía de Dios*” (*Poema de los dones*). A literatura tornou-se para ele a palavra oral, alada e sagrada, como dizia Platão. Ainda, continuou a cultivar os livros.

“Mis libros (que no saben que yo existo) son tan parte de mí como este rostro.”

Borges retomou a tradição oral e passou a ditar sua obra. Voltou às formas da poesia clássica, ao soneto e aos recursos mnemotécnicos (KODAMA, 2016:59). Considerava a sua cegueira “*um lento crepúsculo que durou mais de um século*” (*Borges oral*, p. 91).

Na célebre entrevista à revista *Veja*, divagou:

*“Nada de coragem e nada de drama. Minha cegueira não foi repentina. Comecei a perder a vista aos poucos, e não houve nenhum momento patético ou trágico. Comecei a me acostumar com minhas sombras, as coisas começaram a desaparecer lentamente – e na verdade não me faziam falta. Conheço pessoas ameaçadas por uma cegueira brusca que pensaram no suicídio. Eu tive a sorte de saborear aos poucos a chegada da noite, e agora convivo com ela perfeitamente, como um doente acostuma-se a viver com sua moléstia crônica, naturalmente. (...)”*

*“Acho que (a cegueira) influenciou a minha maneira de escrever. Antes eu saía bastante, via imagens, coisas, algo ficava. Algo se acrescentava ao pensamento. Hoje não, nem a rua atravesso sozinho, e passo quase sempre meus dias em casa, com minhas ideias, e as imagens são mais minhas e mais esmeradas, porque completamente criadas no exercício da solidão. Por outro lado, nunca precisei da realidade. Eu nunca construí personagens, eu não sou Dickens ou Eça de Queirós, nem faço como Gustave Flaubert, que descrevia minuciosamente até os móveis da casa onde morava. A poesia é um hábito eterno que não precisa inspirar-se na realidade externa. É por isso que não faço uma tragédia de minha cegueira. Aceito-a, convivo com ela, e até desfruto suas poucas inimagináveis dádivas. Uma delas, por exemplo, é impedir-me de assistir a coisas terríveis. Uma vez, nos anos 40, eu passei dez dias no Brasil, em Santana do Livramento. E lá vi um homem matar outro.”* (ALTMAN e GAMA, 2017:111-112)

E versejou no poema *Elogio de la sombra*, de 1968 (KODAMA, 2016:73-74):

*“El hombre que está ciego,  
sabe que ya no podrá descifrar  
los hermosos volúmenes que maneja  
y que no le ayudarán a escribir  
el libro que lo justificará ante los otros,  
pero la tarde que es acaso de oro  
sonríe ante el curioso destino  
y siente esa felicidad peculiar  
de las viejas cosas queridas.”*

## Vida afetiva

Em 1967, Borges se casou com Elsa Astete, amiga de infância. A união durou apenas três anos. Terminou com Borges fugindo de casa, sem coragem para discutir a separação.

Borges perdeu a mãe, Leonor, em 1975.

Casou-se, pela segunda vez, com a ex-aluna María Kodama, sua secretária particular desde 1981. Kodama é de origem japonesa e o acompanhou até o fim da vida, tomando conta de sua carreira e herdando os direitos autorais. Em 2016, ela publicou o livro *Homenaje a Borges*.

## Felicidade e livro não devem exigir esforço

Para Borges, “um livro não deve requerer um esforço, a felicidade não deve exigir esforço”:

“Emerson afirma que uma biblioteca é uma espécie de câmara mágica. Nesse gabinete estão sob o efeito de um encantamento os melhores espíritos da humanidade, que esperam a nossa palavra para sair da sua mudez. Temos que abrir o livro, e eles então despertam. Diz que podemos contar com a companhia dos melhores homens que a humanidade produziu. (...)”

“Fui professor de literatura inglesa, durante vinte anos, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Sempre recomendei aos meus alunos que tivessem pouca bibliografia, que não lessem críticas, que lessem diretamente os livros; talvez compreendam pouca coisa, mas sempre sentirão prazer e estarão ouvindo a voz de alguém. Diria que o mais importante de um autor é a sua entonação; o mais importante de um livro é a voz do autor, essa voz que chega até nós.

“Dediquei parte da minha vida às letras, e creio que a leitura representa uma forma de felicidade; outra forma de felicidade menor é a criação poética, ou o que chamamos criação, que é uma mistura de esquecimento e de recordação do que lemos.

“Emerson coincide com Montaigne no reconhecimento de que devemos ler unicamente o que nos agrada, de que um livro tem que ser uma forma de felicidade. Devemos tanto às letras! Procurei mais ler do que ler; creio que ler é mais importante do que ler, mas para se ler é preciso ter lido antes” (Borges oral, p. 27-28).

“Um livro não deve requerer um esforço, a felicidade não deve exigir esforço.”

## Imortalidade cósmica

Borges muito escreveu sobre a imortalidade (Borges oral, p. 38-43).

Havia a conjectura da transmigração da alma, encontrada em Pitágoras e Platão.

“Se somos felizes ou desventurados nesta vida, isso deve-se a uma vida anterior; estamos recebendo castigos ou recompensas. Há uma coisa que pode ser difícil: se a nossa vida individual, como o creem o hinduísmo e o budismo, depende da nossa vida anterior, essa vida anterior depende, por sua vez, de outra vida anterior, e assim sucessivamente, até ao infinito na direção do passado. (...)”

“Temos o poema *The Progress of the Soul* (O Progresso da Alma) de John Donne, ligeiramente posterior a Shakespeare. Donne principia dizendo: Canto o progresso da alma infinita, e essa alma vai passando de corpo em corpo”.

Há também a imortalidade literária:

“De cada vez que repetimos um verso de Dante ou de Shakespeare, somos, de alguma maneira, aquele instante em Shakespeare ou Dante criaram esse verso. Ao fim e ao cabo, a imortalidade está na memória dos outros e na obra que deixamos. (...)”

“Sei de memória muitos poemas anglo-saxônicos. A única coisa que não sei é o nome dos poetas. Mas o que é que isso importa? Que importa isso se eu, ao repetir poemas do século IX, estou sentindo algo que alguém sentiu nesse século? Esse alguém vive em mim nesse momento, embora eu não seja esse morto. Cada um de nós é, de algum modo, todos os homens que morreram antes. Não apenas os do nosso sangue. (...)”

“O mesmo poderá dizer-se da música e da linguagem. A língua é uma criação, acaba por ser uma espécie de imortalidade. Estou utilizando a língua castelhana. Quantos mortos castelhanos estão vivendo em mim? (...)”

“Creio na imortalidade: não na imortalidade pessoal, mas na imortalidade cósmica. Continuaremos a ser imortais; para além da nossa morte corporal fica a nossa memória, ficam os nossos atos, as nossas obras, as nossas atitudes, toda essa maravilhosa parte da história universal, ainda que não o saibamos, e é melhor que o não saibamos”.

## Presença política

Mesmo sem ter intensa participação na vida política, Borges assumiu posições. Criticou, em revistas, o nazismo e o antissemitismo.

Na Argentina, sempre foi muito claro com relação à política do país. Suas críticas ao Peronismo – já assinalamos – causaram sua demissão do cargo de diretor de biblioteca municipal.

Não vacilou em admitir erros, quando se convencia de que errou.

Muitos anos depois, por exemplo, confiou no regime militar, mas manifestou reprovação e criticou publicamente o regime nos jornais, quando ouviu relatos sobre torturas e pessoas desaparecidas:

“Cuando otros no pueden hacerlo yo tengo la obligación de hablar.”

Sabia que o terror e as prisões inibem a luta, mas sua fama internacional lhe assegurava uma espécie de salvo-conduto, que utilizava para representar os cidadãos comuns e compatriotas condenados ao silêncio (KODAMA, 2016:52-54).

### O Nobel desejado

O jornalista Alexandre Porro, da revista *Veja*, ao introduzir a entrevista com Jorge Luis Borges (1980), discorreu sobre o Prêmio Nobel de Literatura:

*“Desde 1960, Borges – para muitos, o maior escritor vivo do planeta – aparece entre os candidatos, mas inutilmente. Após Gabriela Mistral, a poetisa chilena que ganhou o prêmio em 1945, muitos pensaram que Borges viria a ser o segundo latino-americano a merecer o Nobel: mas em 1967 o júri escolheu o guatemalteco Miguel Ángel Asturias, e em 1973 outro chileno, Neftali Ricaro Reyes, mais conhecido como Pablo Neruda. (...)”*

*“Até o ano passado, Borges dizia que o prêmio não o interessava. (...)”*

*“Borges disse a Veja: ‘Final, minha obra não precisa de prêmios. Talvez tenha sido justo premiar um jovem. Lá em Estocolmo fazem política, eu não ganhei porque sou argentino, e os esquerdistas acham que todos os argentinos seguem a política dos governantes militares. Eu não tenho mais nada a dizer: o tempo é curto, e eu sou um poeta velho e cego, como Homero, que tampouco ganhou prêmios em sua vida.’”*

*“Desta vez, o tom é diferente. Com quarenta obras publicadas, em 38 idiomas, o gênio argentino confessa finalmente que o prêmio o interessa, e muito, e que não quer morrer sem recebê-lo” (ALTMAN e GAMA, 2017:106-107).*

Mas não recebeu.

### O sonho da borboleta

Jorge Luis Borges faleceu em Genebra, Suíça, no dia 14 de julho de 1986. Se me fosse permitido escolher uma passagem borgeana como seu testamento, eu escolheria a seguinte passagem ditada ao jornalista brasileiro Alessandro Porro:

*“Quero ditar-lhe um trecho, escreva exatamente o que digo. (...) ‘Estou pensando naquele Chuang-Tzu, vírgula, que sonhava ser uma borboleta e que agora, vírgula, acordando, vírgula, não sabia se havia sonhado ser uma borboleta ou se era uma borboleta que agora sonhava ser um homem. Ponto’. Sabe, é para uma página que intitularéi ‘A bengala de laca chinesa’. Bonito, não?” (ALTMAN e GAMA, 2017:112).*

“Cada um de nós é,  
de algum modo,  
todos os homens que  
morreram antes.”

### Referências Bibliográficas

- ALTMAN, Fábio e GAMA, Rinaldo (editores). *VEJA: A história é amarela*. São Paulo: Editora Abril, 2017. Entrevista de Jorge Luis Borges a Alessandro Porro, páginas amarelas da revista *Veja*, edição de 17.09.1980.
- BORGES, Jorge Luis. *Borges oral*. Lisboa: Vega, trad. Rafael Gomes Filipe, sem data.
- *Buenos Aires – História*, disponível em <http://www.amautaspanish.com/portuguese/destinos/aprender-espanhol-na-argentina/argentina-visao/historia-da-argentina/buenos-aires-historia-204.html>, acesso em 21.07.2017.
- *Buenos Aires – QuickGuide*, nº 31, agosto-novembro 2008.
- COLOMBO, Sylvia. *Clássico de García Márquez, ‘Cem Anos de Solidão’ completa meio século*, jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 03.05.2017, caderno Ilustrada.
- *Jorge Luis Borges*, Portal Uol Educação, Biografias, disponível em <http://educacao.uol.com.br/biografias/jorge-luis-borges.htm>, acesso em 21.07.2017.
- KODAMA, María. *Homenaje a Borges*. Buenos Aires: Suda-mericana, 2016.
- MEIRELES, Maurício. *Jorge Schwartz apresenta mapa para vasto labirinto de Jorge Luis Borges*, jornal *Folha de S. Paulo*, 22.07.2017, caderno Ilustrada.
- ORTIZ, Alicia Dujovne. *Eva Perón: a madona dos descamisados*. Rio de Janeiro: Record, trad. Clóvis Marques, 1996.
- PAULS, Alan. *O pai de Borges*, jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 11.07.2009, caderno Ilustrada.
- *Quem foi Jorge Luis Borges?* Revista *Estante*, FNAC, disponível em <http://www.revistaestante.fnac.pt/quem-foi-jorge-luis-borges/>, acesso em 31.07.2017.
- ROMERO, José Luis. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 5ª ed., 2006.
- WOODALL, James. *La vida de Jorge Luis Borges*. Barcelona: Editorial Gedisa, trad. Alberto L. Bixio, 1999.

# NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

**MagisCultura** é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológicos.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista ([magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.



**Endereço para correspondência:**

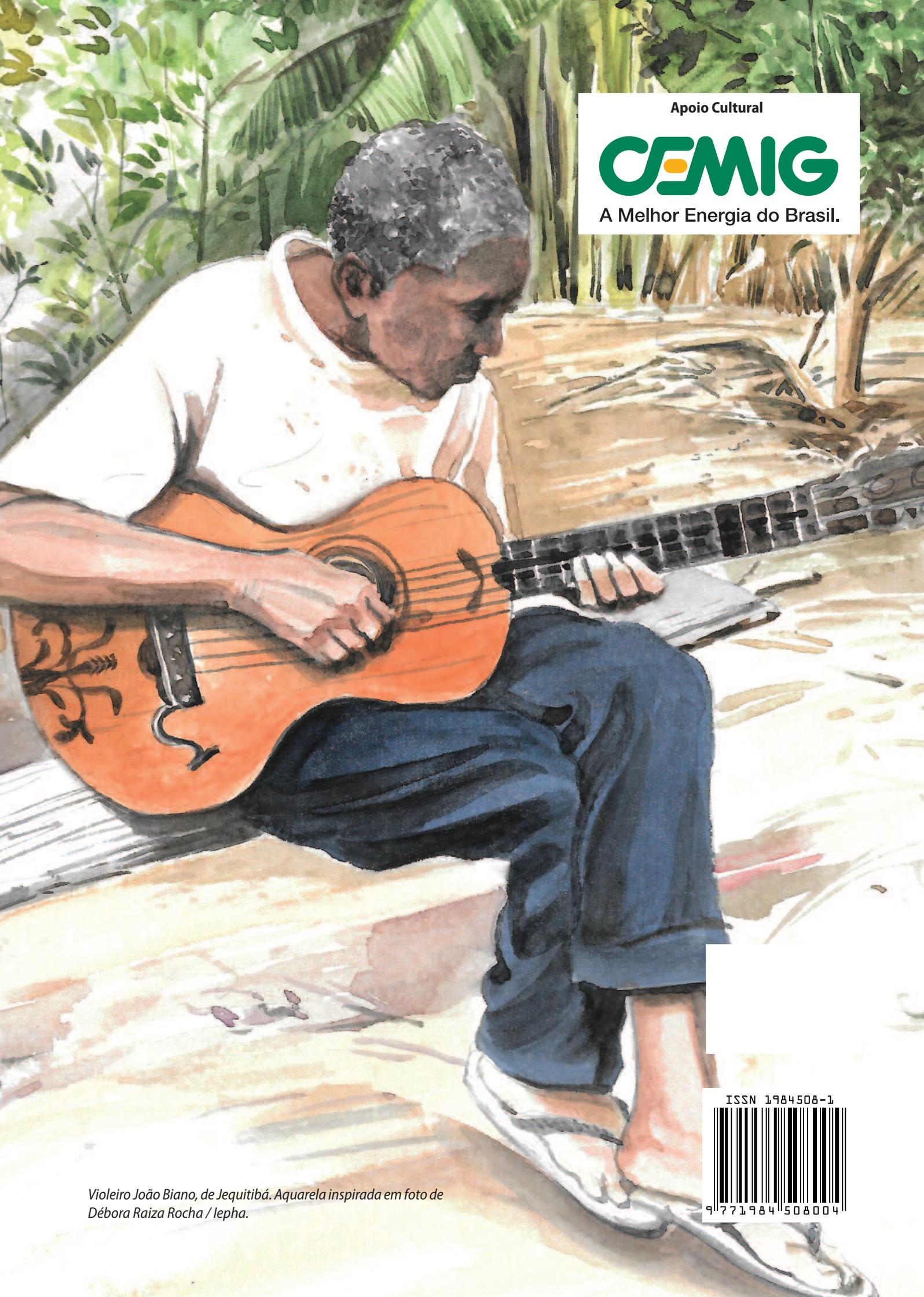
R. Albita, 194 . Cruzeiro  
Belo Horizonte . MG  
CEP 30310-160  
Tel.: 31 3079-3453  
[magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)

[www.amagis.com.br](http://www.amagis.com.br)

Apoio Cultural

**CEMIG**

A Melhor Energia do Brasil.



*Violeiro João Bianco, de Jequitibá. Aquarela inspirada em foto de Débora Raiza Rocha / Iepha.*

ISSN 1984508-1



9 771984 508004